

MA
007
9g

0026854/2003



L0000026857

ACHILLES LISBÔA



Questões de interesse publico

(1.ª SERIE)

ORMA.
352.007
107699

NOTA: Os proventos desta publicação reverterão em benefício da Assistencia Publica, que se vai installar nesta Capital.



Correia da Silva

1921
IMP. OFFICIAL
MARANHÃO

ACHILLES LISBÔA



Questões de interesse publico

(1.ª SERIE)

ORMA.
352.007
107699

NOTA: Os proventos desta publicação reverterão em beneficio da Assistencia Publica, que se vai installar nesta Capital.



Correia da Silva

1921
IMP. OFFICIAL
MARANHÃO

A' memoria do coenllo Mestre

Professor Alberto Löfgren

enjos valiosissimos serviços de 40 annos á sciencia e aos interesses do Brasil, são um justo penher de honra que nos deixou aos brasileiros para lhe venerarmos o nome.

*A' memoria do illustre mathematico e prorecto
educador maranhense .*

Dr. João Antonio Coqueiro

Preito de saudade e de recordação pelas sabias lições com que me illuminou o espirito, como pelo exemplo com que tambem o educou, de abnegada dedicação aos serviços da nossa terra.

Cortêa da Silva

A' memoria do colega e amigo

Dr. Antonio Pires Ferreira Leite

Sobre o teu tumulo, onde, contigo, vi desaparecer, com o modelo de amigo que eras tú, uma consoladôra esperanza de devotados serviços ao nosso Maranhão, deposito mais esta sincera prova da minha dolorosa saudade, que o tempo ainda não mitigou siquer.

Cottêa da Silva

*Ao ilustre jornalista maranhense, venerando
evangelizador
republicano dos nossos Sertões*

Coronel Frederico Figueira

Preito da mais justa admiração, como do
mais patriótico reconhecimento, pela obra
modesta mas grandiosa de inestimáveis be-
nefícios, que lhe deve á penna, tão honesta
quão infatigavel, todo o Maranhão.

A'

Manoel Vieira de Azevedo

amigo modelar, a quem o proprio sacrificio
da minha vida fôra pouco para lhe exprimir
o grau da minha estima.

A'

Bernardo Caldas

um dos mais edificantes exemplos, que tenho
conhecido, de associação de uma lucida inte-
ligencia a uma vontade pertinaz, para a
vitoria brilhante do trabalho honrado e fe-
cundo na luta pela vida.

A'

Candido Cruz

pequena prova da elevada consideração e
estima que lhe voto.

Em torno da ideia de um Horto Botânico

Publicou, ha dias, a "Pacofilha", numa local sob o titulo *As cousas uteis*, judiciosos conceitos a respeito da creação entre nós de um horto botânico. Como desde muito escrevera algumas notas relativamente ao assumpto, não tratando propriamente de tal creação no Maranhão mas procurando insinuar uma tão importante quão oportuna reforma do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e tais notas não deixem de aproveitar á ideia do horto maranhense, resolvi salvar-as da poeira e do esquecimento a que as condenára. Publico-as tanto mais empenhadamente quanto é certo que com ellas fazia ademais a justiça devida ao merecimento de um sabio estrangeiro a cuja memoria deve ser muito carinhosamente grata a minha Patria

Se não aproveitarem directamente ao Estado, poderão fazel-o indirectamente pelo visarem um aperfeiçoamento de uma instituição publica brasileira fadada assim a tornar-se um instrumento melhor da prosperidade nacional. Se alguns objectivos nellas colimados já não mais se podem focalisar no momento actual, ainda assim não se lhes desvalorizou a intenção porque o Paiz conti-

nua a carecer das medidas principaes que nellas se proclamam.

Citando um autor francez, assim comecei:

“La plante représente la *machine* essentielle de l'industrie agricole. Quand la *machine* végétale a cessé de fonctionner, elle devient une *macrhan-dise*. Pour la produire avec bénéfice, en obtenir quantité et qualité, il importe au plus haut point de la connaître sous ses differents aspects, de savoir comment elle est construite, et comment elle fonctionne. *C'est le seul moyen de la faire travailler économiquement et d'arriver à la perfectionner*”.

Os conceitos profundamente verdadeiros acima exarados bastariam para definir a importancia da função que cabe a uma instituição como o Jardim Botânico no equilibrio financeiro do paiz. Em formula synthetica bem se poderiam traduzir: *sem botanica não pôde haver agricultura*; verdade cuja demonstração ainda se completa no aphorismo: *tal meio, tal planta e tal planta, tal rebanho*. Ora, só num Jardim Botânico é possível o estudo proveitoso da botanica porque só a botanica que se practica em taes condições pode orientar de modo completo a agricultura. O nosso Jardim Botânico entretanto não se acha na altura de sua elevada função: é presentemente um estabelecimento anarchisado e incapaz.

Sendo os seus serviços de natureza e caracter essencialmente scientificos e technicos, a condição principal e imprescindivel para que esses serviços possam apresentar os resultados que delles forçosamente devem emanar para o paiz e para a sciencia, é a de poder o Jardim dispor de um pessoal em tudo aparelhado para o regular desempenho dos seus deveres, sujeitos a uma disciplina que só pode garantir a mais absoluta autonomia concedida pelo governo ao director que, responsavel pelo bom ou mau andamento dos serviços, deverá ter

o pleno direito de escolha e rejeição dos seus auxiliares, obedecendo para isso ao criterio seguro e exclusivo da capacidade. No Jardim não deve de modo algum influir o proteccionismo politico. São estas as condições que lhe faltam no presente. E' de todo impossivel á direcção actual, por ingentes esforços de que fosse capaz, imprimir ás cousas uma outra feição: o Jardim não se moverá, organizado como se acha. Falta-lhe em absoluto disciplina, que só uma reforma radical e até economica poderá implantar. São as idéas geraes de um plano de reforma assim concebida que desejo apontar nas considerações que se seguem, reservando para mais tarde a apresentação desse plano com a demonstração por algarismos das suas vantagens e economias. Penso de facto que, não obstante ser vantajoso desde já balancear as razões que a inculcam, a reforma só deverá tentar-se para o anno, já sob a vigencia do futuro governo que tão prudentemente vai abordar o problema economico pela sua face agricola mais racional e que melhor portanto poderá associar as idéas expressas naquellas razões. Tentar o desentravamento presentemente do Jardim seria correr o risco talvez de arruiná-lo.

Passo pois ás considerações que mais prontamente occorrem:

O ITATIAYA

De ha muito foi reconhecida a importancia de reservar-se o bloco de Itatiaya para a creação de um parque nacional e isso por varios motivos poderosos como sejam, entre outros: a imprescindivel necessidade de fazer cessar a devastação das matas que prosegue de um modo assustador; a necessidade de salvar em quanto é tempo a curiosissima flora daquelle bloco, unica no mundo e

que tende a desaparecer com prejuizos graves para a sciencia; a necessidade de criar pequenos campos de experiencia em altitudes diversas sem que sejam separados por grandes distancias e nos quaes ao mesmo tempo se possam apresentar amostras typicas das floras diversas que possui o Brasil, o que no Jardim Botanico, situado a beira-mar, com um clima unico, é materialmente impossivel. Estando para se emanciparem os nucleos coloniaes alli criados com um dispendio enorme sem a minima compensação practica e estando o bloco de Itatiaia na contingencia de passar para o municipio de Resende, que não poderá efetuar o plano de transformação em parque nacional, deverá o Governo entregar este dominio á superintendencia do Jardim Botanico com autorização para alli collocar um zelador idoneo da sua escolha e capaz de executar os trabalhos e os planos organizados pela direcção do Jardim.

REPARTIÇÃO DE INTRODUÇÃO E CULTIVO DE PLANTAS UTEIS E UTILISAVEIS

Trata-se de um serviço semelhante ao "Bureau of Plant-Industry" dos Estados Unidos. Não existe ainda no Brazil uma repartição tão importante como esta da America do Norte, a que deve aquelle pais os seus extraordinarios successos na introdução de vegetaes exoticos. Foi por sua influencia que a California, de arida que era, se transformou num risonho vergel, talvez ainda mais rendoso que risonho. Foi ella ainda que com a introdução das uvas, das tamareiras, de varias forragens, dos eucalyptos, etc., acabou com varias importações, chegando mesmo a transformar algumas destas em exportações. Origina-se esta falta não só da defi-

ciencia dos nossos conhecimentos botânicos, o que nos impede de ligarmos às espécies vegetais a importância que merecem, senão também da ideia errônea que temos sobre a riqueza do Brasil, que tudo dizemos possuir, não obstante sabermos que o café, o arroz, a canna de assucar, o fumo, a laranjeira, a mangueira, o proprio feijão e muitas outras plantas, foram introduzidas no nosso país, onde portanto muitas outras de utilidade se podem ainda aclimatar, ao passo que os vegetais propriamente brasileiros, salvo o babassú, a mandioca e as heveas, são os que menos renda nos proporcionam. Estando a pequena lavoura e a industria pastoril na ordem do dia, ha nellas um campo vastissimo para a actividade de uma tal repartição. Já um começo se acha feito pela organização da secção de ensaio de sementes, o que é de capital importancia, principalmente para os pequenos lavradores, assim garantidos nas suas sementeiras; que grande numero porém de plantas não poderiam ainda ser introduzidas, estudadas e distribuidas, com proveito directo para aquella pequena lavoura, que afinal é a base da prosperidade nacional? Mas a introdução não deve ser feita a êsmo; precisa de estudos criteriosos por pessoas que, pelos seus conhecimentos de antemão adquiridos possam julgar da conveniencia ou não para as nossas condições das plantas a introduzir; e tem sido a falta deste criterio, destes conhecimentos, a causa do fracasso de tantas tentativas com as quaes improficuamente muito se tem gasto. Não basta a boa vontade e a promessa, com que se patrocina afilhados, de *ir aprendendo*, pois, a repartição não deve ser escola para os directores que, pelo contrario, devem já entrar como mestres. Havendo, pois, no país um estabelecimento como o Jardim Botânico, que pela sua natureza tem de dispôr de um pessoal especialisado, é natural que a organização de um serviço

como o do Plant-Industry, onde a maxima especialisação se requer, tenha o seu inicio e o seu centro naquella Jardim, até que as condições economicas permitam dar-lhe um desenvolvimento adequado aos seus trabalhos e resultados.

Segue-se que o Jardim Botanico neste caso teria necessidade de proceder a experiencias que no terreno do mesmo não seriam exequiveis, o que não se dá com o Itatiaya, que seria de grande valor para tal fim pela diversidade de climas que oferece. Mas tendo o Jardim a seu cargo a distribuição das plantas introduzidas, é natural que ao mesmo tempo deva ministrar as instruções para o seu tratamento e possa verificar se taes instruções são ou não observadas. Para esse fim deve o Jardim, ter uma especie de superintendencia sobre aquelles campos, de modo a uniformisar os metodos tanto de cultivo como de tratamento e de observações. Um outro complemento indispensavel para a integração do Jardim seria a transferencia para elle da seção de fitopatologia que ora funciona no Museu Nacional. O Jardim, em compensação, dispensaria o seu laboratorio chimico, que com a maior vantagem podia ser incorporado ao laboratorio de chimica organica e industrial daquelle estabelecimento. Desta forma, obter-se-ia uma uniformidade precisa nos serviços ao mesmo tempo que uma simplificação, porisso que os dois laboratorios, aparelhados para os mesmos estudos, certamente produziriam mais trabalho quando unidos, visto disporem assim de maior pessoal, do que quando separados. A seção de fitopatologia teria no Jardim um campo muito maior, sendo ao mesmo tempo necessaria para o exame das plantas introduzidas antes de sua distribuição. Este exame de facto devendo ser feito de preferencia no terreno, o Jardim não poderá dispensar a fi-

topatologia como uma secção complementar para a repartição do Plant-Industry.

NOTA: — Folgo em registar que esta medida já foi tomada pelo Director actual do Jardim, o illustre Sr. Dr. Pacheco Leão; acha-se de facto proveitosamente trabalhando ali o proficiente fitopatologista Eugenio Rengel, que era do Museu Nacional.

SERVIÇO FLORESTAL

“Sem o serviço florestal, a permanencia da prosperidade das indústrias é impossivel, porque o suprimento permanente de madeira e de agua só pode vir de um tratamento sabio da floresta e de nenhum outro modo mais”. James Wilson.

Um outro assumpto que de longa data tem preoccupado os governos e os economistas no Brasil e que já chegou a ser formulado em projecto, é a magna questão florestal. Apresenta-se-nos elle sob dois pontos de vista, conforme se encare pelo lado scientifico ou pelo lado pratico. O lado pratico consiste principalmente na conservação do que ainda resta de areas florestaes e na regulamentação das medidas tendentes a esse fim, de accordo com as leis sobre propriedades. Deve-se ao mesmo tempo sob esse ponto de vista considerar o direito de terceiros relativamente a perdas e damnos causados por córtes irracionaes de grandes areas, córtes que transformam por completo o clima e o regime hydrico regionaes. E isso porém não constitue o serviço florestal propriamente dito, que repousa sobre bases scientificas e não legislativas. Compreende este serviço em primeiro logar o conhecimento perfeito das matas, seus componentes e as condições que determinam o seu desenvolvimento, isto é, conhecimentos basicos que não se adquirem sem um estudo especial, que exactamente

é o que nos falta. E' isso verdade pois que não conhecemos qual a extensão das matas nos diversos Estados da União. Não lhes conhecemos a verdadeira composição, nem conhecemos tam pouco as madeiras que possuimos senão por nomes populares, que variam de logar para logar, e ignoramos por completo tudo quanto diz respeito á biologia da nossa flora lenhosa, como ignoramos as propriedades das nossas madeiras, os productos secundarios que possam fornecer, suas resistencias e mais qualidades, sendo entretanto o conhecimento de tudo isso em absoluto indispensavel para que o serviço florestal seja proficuo e corresponda a todos os *desiderata*. O que primeiro portanto se tem a fazer, é adquirir estas bases, estes conhecimentos, dos quaes então, depois de convenientemente colligidos, se deduzirão os metodos a empregar em cada zona diversa. Estes mesmos conhecimentos enfeixados em livros didaticos deverão servir nas escolas florestaes, igualmente indispensaveis para a criação do nosso corpo de funcionarios, que não podem ser leigos na materia sem grave prejuizo das funções que exercerem e *ipso facto* do serviço que o pais tem o direito de esperar delles.

Os estudos preliminares para estes conhecimentos todos são puramente botanicos, motivo por que nenhum estabelecimento está mais no caso de os efectuar do que o Jardim Botânico, que para isso somente necessita da precisa authorisação e de pequeno acrescimo de pessoal especializado. Igualmente para esse serviço tanto o Itatiaya, como os outros campos de experiencia, se prestarão excellentemente desde que sejam submettidos a um regime uniforme, como aconteceria debaixo da superintendencia do Jardim Botânico, que neste caso seria o responsavel directo por aquelle preparo do pessoal, responsabilidade que certamente aceitaria com prazer, desde que lhe fosse conferida a auto-

ridade de escolha dos seus funcionarios, sem a qual nenhum os seus serviços jamais poderá ser garantido.

Com taes modificações o nosso Jardim Botânico, em resumo, poderá constituir-se tendo por objectivo: (a) Estudos Scientificos da Flora Brasileira; (b) Coleccionamento de plantas para um herbario e, como complemento natural, a organização de uma Flora Geral e de Floras Estaduaes, destinadas á instrução nas escolas; (c) Coleccionamento e cultivo de plantas uteis e utilisaveis da Flora Brasileira, assim como de todos os vegetaes exóticos que possam ser de utilidade para o Brasil; (d) Uma secção talhada nos moldes do *Plant Industry* dos Estados Unidos, destinada a importação das plantas exóticas aproveitaveis e ás experiencias de aproveitamento das plantas nacionaes, visando tambem o estudo das variações bruscas interessantes das nossas plantas cultivadas; (e) Superintendencia sobre os Hortos Experimentaes, afim de uniformisar as culturas e experiencias; (f) Investigação, exame e ensaio de sementes; (g) Investigação das matas, classificação das madeiras e estudos para a sua identificação; (h) Organização das bases para o serviço florestal, com ensaios de cultura florestal, tendo para isso a superintendencia sobre os Hortos Florestaes e o Itatiaya.

No problema da reorganisação do Jardim, no sentido de tornal-o de facto uma instituição verdadeiramente utilitaria, a dificuldade maior que se apresenta é sem duvida a da escolha de um director cuja alta capacidade comprovada seja a garantia do exito de tal empreendimento. Impõe-se a necessidade de um homem que, além do seu merecimento scientifico e technico, tenha a experiencia precisa do assunto. Não o temos rigorosamente com taes requisitos entre os cultores nacionaes da botanica; mas no mesmo Jardim se encontra um

cientista estrangeiro contratado, que além de responder cabalmente a essas exigências, está ha quarenta annos domiciliado no Brasil, de cuja flora é o melhor conhecedor actual. Refiro-me ao professor Alberto Lofgren, cujo aproveitamento na futura direcção do Jardim ninguem que o conheça deixará de aplaudir. Como atestados incontestes que o impõem, ahí estão os seus copiosos serviços que seria longo enumerar.

São todos bem conhecidos e apreciados dos que se preocupam com tais assuntos no Brasil. Uns, de valor puramente scientifico, outros de grande valor pratico pelo exprimirem excellentes contribuições aos nossos problemas economicos, são todos trabalhos reveladores de profundo conhecimento do nosso país e rara dedicação pelos seus interesses.

E' quanto basta por emquanto dizer para chamar desde já a atenção sobre assunto de tamanha actualidade.

Terminei assim as notas a que alludi no começo desta publicação. Continuarei, estudando o assunto em face das condições do nosso Estado e discutindo idéas novas posteriores á escriptura das referidas notas.

IDEIAS NOVAS — UM TRABALHO NOTAVEL DO DR. ALVARO DA SILVEIRA — MALENTENDIDOS, DIVERGENCIAS E CONCORDANCIAS — RESPEITO A UM CULTO.

Quando escrevia eu as notas de que constaram os artigos anteriores, publicados sob esta mesma epigraphie, não tinha ainda vindo á luz o trabalho do Dr. Alvaro da Silveira intitulado "As Florestas e as Chuvas". Aos leitores maranhenses, que, á

excepção de Fabricio Caldás e pouquíssimos outros, talvez o desconheçam, preciso de apresentar esse publicista patricio antes de lhe fazer a obra referida os comentários que julgo oportunos. Alvaro da Silveira é, incontestavelmente, um dos mais elevados expoentes da cultura scientifica nacional. O seu espirito, de uma invejavel autonomia, revela-se em variados dominios com uma admiravel capacidade de analyse e de syntese que lhe dá aos trabalhos grande poder de convicção. Observador minucioso, não é elle menos seguro nas suas induções, communicando sempre ás suas ideias um cunho personalissimo da sua independencia mental. Neste particular, vae mesmo, ás vezes, até ao ponto de se tornar um verdadeiro iconoclasta no combate que não raro tem dado a doutrinas correntes. Esse trabalho seu sobre as "Florestas e as Chuvas" é de facto uma peça de grande valor, não só pela originalidade, como também pelo metodo e pela natureza dos problemas que ventila. Ninguem até hoje, com effeito, tinha tido a coragem de balancear a doutrina que dá á floresta decisivo valor no regime das chuvas e supprimento da agua na superficie da terra. Acreditavamos todos nessa verdade universalmente proclamada e tanto era bastante para que nenhum espirito, que não tivesse ousadia, se atrevesse a discutil-a. Firmado em varias observações, o Dr. Alvaro da Silveira contesta com segurança esta doutrina nesse livro revolucionario, que, entretanto, máo grado a discordancia das interpretações, não chega a conclusões finaes diferentes daquellas que inculcam os defensores, por elle combatidos, da floresta. Como estes, felizmente, prega elle afinal o replantio das arvores, não para que ellas nos permaneçam como geradoras de saúde e guardadoras das fontes, sinão para que nos forneçam a madeira e o combustivel, unicos benefi-

elos que a seu ver nos podem prestar. O autor não tem sentimentalismos; chega a classificar de um *inutilissimo platonismo* esse culto que todos procuramos render ao mundo vegetal, de que incontavelmente dependemos.

Sob dois pontos de vista cumpre considerar esse valioso trabalho do brilhante e valente argumentador: o do valor scientifico e rigor logico dos seus argumentos e o da repercussão que poderá ter no futuro economico do país. Adepto intransigente do principio moral que a discussão se não deve tentar sinão para estabelecer a verdade e nunca para sustentar, por capricho ou descabido amor próprio, um erro diagnosticado, devo confessar que o livro do Dr. Alvaro da Silveira me veio obrigar a um verdadeiro exame de consciencia, do qual resultou a penitencia, que me imponho sem constrangimento mental, de confessar erros em que laborava, como se pode ver das notas que publiquei e que poderia ter deixado á poeira e ás traças se com a sua publicação, além das vantagens que apontei — o culto ao merecimento de um mestre saudosissimo e o desejo de servir ao Maranhão — não viesse juntar-se mais essa de poder reconhecer publicamente os meus erros, com o fim de corrigil-os e ensinar assim aos outros como se deve proceder quando se procura atender apenas aos interesses superiores da sciencia. Falando por exemplo do Itatiaya, fil-o *de oitiva* como, num outro folheto complementar do que analiso, diz o Dr. Alvaro da Silveira haverem tambem feito os illustre subscritores de um parecer sobre o córte das mattas, um dos quaes era o meu inolvidavel mestre Dr. Alberto Lofgren. Conhecia de facto o Itatiaya apenas atravez de informações, sem a segurança portanto do Dr. Alvaro da Silveira que a visitou. Tratando do serviço florestal, censurei os cortes irracionaes de grande areas por transforma-

vem por completo o clima e o regime hydrico regionaes. Confesso que a leitura do livro sobre as Florestas e as Chuvas me veio abalar semelhante opinião, forçando-me a reflectir mais acuradamente na interpretação dos factos apontados.

Mas, não ha duvida tambem de que na obra valiosa do Dr. Alvaro da Silveira ha alegações que se desvalorizam como provas explicativas com alegações semelhantes mas contrarias que se lhes podem contrapor. E' assim que á paginas 15 e 16 se encontram informaes de fazendeiros que affirmam o augmento da agua corrente das fontes com a destruição das matas nas respectivas nascentes. Ora, temos tido aqui no norte factos contrarios de desecamento das fontes com tal devastação nas nascentes. E não é de scientistas com ideias preconcebidas a observação: é do povo, que tanto já tem observado o phenomeno e se convencido dessa relação de causa a effeito, que nas suas derrubadas não deixa de poupar, sem imposições de codigos florestaes, as matas das cabeceiras dos riachos. E assim como os fazendeiros de Minas, referidos pelo Dr. Alvaro da Silveira, *quando desejam obter augmento da agua corrente mandam destruir as matas das nascentes*, os lvradores do Maranhão poupam-n'as para se não privarem do precioso liquido. Não encontrará esta divergencia a explicação necessaria na constituição diversa dos terrenos e mesmo na diversidade de clima de taes zonas, separadas já por uma latitude que não é para desprezar em taes considerações? Verdade é que um dos factos referidos, o da fazenda Babylonia, no Estado do Rio, na qual a abatição das matas da bacia do pequeno correço da Cachoeira, nas fraldas da serra de Deus-me-livre, transformou esse curso d'agua em verdadeiro ribeirão, pode ser explicado, ao que parece, pela diminuição do obstaculo que as arvores opunham á descida das aguas, que assim livremente correndo

puderam talvez cavar um leito maior que mais abundantemente as derivasse das serras.

Tratando da secca no nordeste brasileiro, pergunta o autor se o phenomeno será devido á escassez alli das florestas e conclue por negar que a falta das mesmas o possa determinar. Dá isso margem para algumas considerações. Não se pode absolutamente regar que em duas areas identicas em tamanho, posição geographica e feição geologica, mas dessemelhantes pelo ser uma desnuda e portanto aquecivel ao sol até ao ponto talvez de funcionar como um forno de reverbero e a outra coberta de vegetação de porte sufficiente para dar sombra e modificar a temperatura ambiente, não se pode negar, dizia, diversifique bastante em areas taes o estado hygrometrico do ar. Ora, é sabido que as precipitações aquosas sob a forma de chuva ou de orvalho só se produzem quando o ar completamente saturado não pode mais conter em estado de vapor a agua que lhe sóbe pela evaporação, como sabido tambem é que uma das condições para que esta saturação se opere é o abaixamento da temperatura, como tambem o é a não renovação do ar a saturar. Um metro cubico de ar em campo aberto não se pode saturar sinão por uma quantidade de vapor de agua superior áquella que bastará para a saturação de um metro cubico de ar considerado numa zona florestal. E este facto não ocorre unicamente pela amenisação da temperatura occasionada pela sombra sinão tambem porque a vegetação densa da floresta derrama no ar por transpiração uma quantidade de vapor de agua sufficiente para lhe manter um certo grau de humidade. A evaporação operada pela floresta, pelo facto de ser combinada com a modificação termica resultante da sombra ou quem sabe talvez se por ser um estado ainda não conhecido de dinamisação especial, e ainda mais porque a floresta impede

tambem, até certo ponto, a renovação do ar determinada pelo vento, o que é uma das condições físicas do phenomeno, todo este conjuncto, enfim, de circumstancias torna-o alli muito menos intenso do que se dá em campo aberto, onde, por grande que seja a quantidade do vapor d'agua formado, o estado hygrometrico do ar fica sempre longe do ponto de saturação, não só porque a temperatura sensivelmente mais intensa eleva a capacidade de absorpção desse ar, como tambem porque a ventilação mais facil vaé deslocando o ar humido para o substituir por outro muito mais seco: Quem não sente de facto que o ar da floresta é sempre mais humido do que o ar dos descampados ? Em que peze ás observações, citadas pelo Dr. Alvaro da Silveira, dos senhores Manés e Vallés, é esta a inferencia sensitiva de quantos têm experimentado, ás mesmas horas do dia, a temperatura ambiente, numa floresta e num descampado. Não pretendo com isso antepor o valor da sensibilidade termica da nossa pelle para a apreciação do phenomeno ao poder registrator dos aparelhos dos senhores Manés e Vallés; quero antes pensar que estes não se soccorreram de hygrometros, tirando as suas conclusões puramente de considerações teoricas. Nem de outro modo poderiam elles concluir de maneira tão contraria ás condições que presidem ao phenomeno da evaporação ! Só affirmam que *les couches aerienes qui s'elevent au dessus des forêts sont les plus séches d'entre toutes*, para dahi deduzirem que não pode haver sinão pouca chuva nas florestas, porque acreditam que estas conservam a agua no solo impedindo-lhe a evaporação, cousa que o proprio Dr. Alvaro e todos fisiologistas vegetaes contestam ! Parece portanto indiscutivel que a floresta, se não faz chover, não deixa todavia de ser uma condição favoravel para esse phenomeno métereologico. A re

florestação portanto do nordeste brasileiro é um serviço que nos cumpre fazer.

Aqui mesmo na America do Sul, ha um facto interessante a considerar relativamente a esta questão: é a passagem sem precipitações sobre o nordeste brasileiro das nuvens carregadas de humidade pela evaporação que se opera na larga superficie do Atlantico, nuvens que entretanto se vão resolver em chuvas abundantes logo que chegam sobre zona amazonica e o começo da andina, como se o ar se coasse atravez dessa vegetação grandiosa deixando-lhe a humidade para chegar ressequido ao cumé da cordilheira dos Andes e assim passar á zona correspondente do Pacifico, onde não chove nunca. A floresta ali, como em toda a parte, é certo que só se manifesta porque existe a humidade bastante ao seu desenvolvimento; mas uma vez que se manifeste parece que se lhe não pode negar o valor, não de factor necessario, porque realmente se observam precipitações em campos abertos, onde ella não se apresenta, mas de factor pelo menos propicio e ainda assim utilissimo para as condensações que nos dão a chuva. Depende esta mais das condições astronomicas determinantes das estações, mas não deixa a floresta de ter tambem a sua influencia embóra de importancia menos capital. Se apenas daquellas dependera o phenomeno, porque então deixar de chover para além dos Andes, como é facto de verificação? Influencia apenas da elevação da cordilheira? No nordeste brasileiro, onde não ha florestas, se ha invernos rigorosos, é justamente porque a influencia secundaria daquellas é contrabalançada por condições outras ainda obscuras que podem determinar o rigor das precipitações. Desde porém que estas se tornem menos intensas, a falta das florestas torna-se eficiente na determinação das seccas. Será questão já resolvida que nos nordeste brasi-

leiro nunca houve florestas ou que foram estas destruidas pelo machado da agricultura rotineira agindo alli desde os tempos coloniaes ?

Sob o ponto de vista da influencia, que o trabalho do illustre cientista brasileiro poderá ter no futuro economico do paiz, diversas cousas ha para considerar. Pregando assim a favor do córte das matas, embora o autor plenamente demonstre que a sua intenção não é destruil-as mas aproveitá-las, a sua doutrina, por incomprehendida que fosse, poderia tornar-se perigosa vindo a favorecer um mal, que ella entretanto não sanciona. Bem sabemos que na lavoura extensiva devastadora, o roceiro para retirar a colheita insignificante de alguns alqueires de arroz e milho e alguns paneiros de farinha, incinera uma fortuna decuplicadamente superior em madeiras, com um desperdicio ainda consideravel de trabalho em derrubá-las. E' contra esta pratica perniciosa que nos insurgimos tambem nós os defensores da floresta. Não é só por lhe acreditarmos nas virtudes reguladoras das chuvas e portanto das fontes e do clima, que lhe defendiamos a existencia: sinão tambem porque, sem aquelle *fetichismo* tão humoristicamente zurzido pela penna admiravel do Dr. Alvaro da Silveira, lhe confiavamos esse tesouro lenhoso indispensavel ás nossas construcções e ás nossas cosinhas. Criticados e (eu pelo menos) convencidos pelo ardente polemista na primeira parte, somos da sua propria opinião na segunda. Não exigimos que o roceiro faça as suas culturas *sub tegmine frondium*; queremos sim que elle se habitue a uma agricultura racional intensiva, utilizando economicamente os terrenos já devastados e poupando na sua mata as arvores de que se poderá socorrer, para as suas necessidades, de madeira e de lenha. Aos que tiverem verdadeiros latifundios florestaes, queremos tambem que não façam a sua exploração

de madeiras de um modo devastador. Concordamos aqui plenamente com o Dr. Alvaro da Silveira que se deve pregar a silvicultura. Com esta pratica na verdade remedeia-se até o inconveniente das distancias em que, mesmo em florestas, um pouco densas, se acham muitas vezes as essencias que se procuram, tornando-se-lhe por este motivo bem dispendiosa a exploração. Num plantio racional de arvores florestaes para a industria de madeiras, evita-se tal dispersão. Mas ainda neste caso da silvicultura, são necessarias, e devem-se portanto poupar, as matas existentes para a constituição das sementeiras. Onde iriamos buscar as sementes das nossas essencias sinão nas florestas em que ellas já existem fructificando? Pregando portanto a re-florestação, ainda assim não se deve deixar de pregar que só com parcimônia se utilizem as florestas. A devastação insensata, com momentanea incineração consecutiva de productos, que o trabalho organisador da planta levou talvez seculos para elaborar, é o que todos nos combinamos para conjurar, máo grado essas divergencias, que nos parecem dividir as opiniões mas que uma reflexão mais calma claramente mostra não serem fundamentaes.

Seja como fôr, o brilhante e energico trabalho do Dr. Alvaro da Silveira deve ser bem meditado para quê se lhe não interprete de modo erroneo o grande valor que tem. Não resolve elle de modo cabal a questão scientifica da interdependencia das chuvas, das fontes e das florestas: mas focalisa com tal vigor o assunto que á sciencia brasileira bem se lhe poderia impor a gloria da solução definitiva. O lado practico que ventila da utilização das florestas merece toda a attenção e é digno de ser imitado o exemplo que aponta da Companhia Paulista de Estrada de Ferro.

Num ponto entretanto, perdôe-me o mestre

Dr. Alvaro da Silveira, que também tenho justo orgulho de reconhecer como tal, que lhe não attenda á lição: é nesse de ensinar muito seccamente á creança que a arvore só tem o valor industrial ! Não pôde ser ! O culto da arvore afeição docemente o character infantil, humanizando-lhe com vantagem os impulsos instinctivos hereditarios.

Aqui findo esta analyse, para proseguir no estudo do que afinal se pôde e se deve fazer no Maranhão.

HORTO BOTANICO OU FLORESTAL, NO MARANHÃO?

Interrompi, por motivos que não valem a pena de uma explicação, a serie de artigos que vinha publicando sobre este assunto. Volto hoje á carga com mais um, que a benevolencia dos leitores certamente me relevará, dada a atenuante que alego de ser o ultimo e ligeiro. Começemos:

Seria absurdo pretender no Maranhão o estabelecimento de um horto botanico de conformidade com as ideias, que ventilei nos meus artigos anteriores. O Estado não n'o comportaria, embóra lhe offereça ao plano condições naturais vantajossimas como nenhum outro talvez do norte do pais. Maranhão é na verdade a zona de passagem do nordeste brasileiro para o valle amazonico, apresentando acentuada feição mixta das regiões cuja transição representa e sendo por isso mesmo o ponto de eleição para um jardim experimental, em que se estudasse a flóra intermediaria correspondente á mutação geografica. Uma instituição, porem, de tal natureza, aparelhada de modo conveniente aos seus elevados fins, transcenderia certamente das possibilidades orçamentarias do Estado. Ao Ministerio da Agricultura, uma vez que qui-

zesse talhar em novos moldes, tornando-o uma organização mais utilitaria, as funções do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, é que caberia estabelecer aqui uma filial do mesmo, aproveitando as vantagens regionais existentes. Não devemos de facto continuar por mais tempo sem nos preocuparmos no pais com esses problemas, capitalissimos para o nosso equilibrio economico, de aperfeiçoamento das nossas especies vegetais no sentido de suas applicações proveitosas á nossa agricultura e ás nossas industrias. Temos já, mais ou menos conhecida, uma variedade grande de plantas utilisaveis que, modificadas pela cultura, nos poderão fornecer ao commercio productos de muito valor; e variedade certamente maior ahi está ainda por conhecer e experimentar sob o ponto de vista da sua utilização. Se o estudo das plantas se limitasse nos seus resultados ao simples gôso intellectual de conhecer as e á elucidação quando muito de alguns pontos do problema biologico geral, considerado de um modo puramente teorico, não se justificaria que á colectividade se exigisse a contribuição com que se custeiam os jardins botanicos. Do conhecimento da serie vegetal têm resultado concepções filosoficas da mais alta importancia na resolução dos problemas sociais humanos; mais do que isso entretanto é preciso obter da botânica applicada, perquirindo as qualidades nocivas ou aproveitaveis das plantas e promovendo-lhes, quando utilisaveis, o melhoramento necessario para que nos possam prestar os maiores beneficios possiveis. Será esta a taréfa de um jardim experimental, que muito acertadamente poderia ter um departamento aqui no Maranhão. Neste poder-se-iam sondar melhor os misterios da nossa floresta de character mixto especial, procedendo se ao mesmo tempo ás experiencias culturais modificadoras e á introdução de plantas já utilizadas com proveito em outras re-

giões tropicais. Mas... voltemos desta fantasia, que a sorte dos serviços do Ministerio da Agricultura não justifica, para o estudo do que o Maranhão pode e deve fazer por sua propria conta. Não se pense aqui n'um hórto botânico como se devera constituir para não faltar á propriedade do termo. O de que precisamos é antes um hórto florestal. Quem nos percorre o territorio do Estado, logo vê que nas zonas litoranea e ribeirinhas tem sido intensa a devastação das matas. Ameaça-nos o futuro uma provavel *fome de madeira*. N'um hórto florestal, poderíamos ir desde já preparando o remédio para a calamidade. *Quem tem olho fundo, chora cedo*, diz a sabedoria popular. Nesse hórto, viriam aprender os prefeitos dos municipios que logo reservariam nestes uma area para o largo cultivo das nossas essencias, já rareadas pelo machado dos roceiros.

Na minha ilha de Mangunça, que pretendo tornar um refugio seguro para as nossas especies animais, que se devem conservar não só como exemplares interessantes da nossa fauna mas tambem pela grande importancia, que algumas como a *Alouata caraya* podem hoje oferecer para a medicina experimental nas suas maravilhosas tentativas modernas, especies estas que entretanto, não obstante a curiosidade e valor que apresentam, se extinguem pela caça imoderada de que são victimas no continente, na minha ilha de Mangunça, onde se lhes evitará esse exterminio, vou tambem promover, com o mesmo intuito de perseguição, a cultura de algumas já escassas madeiras preciosas que alli se possam desenvolver e constituam pelo menos uma provisão para sementeiras de futuras reflorestações. E' isto o que cumpre fazer aos prefeitos municipais, depois de convenientemente instruidos pelos trabalhos do hórto. Só assim a reflorestação, cuja necessidade, mau grado as controversias teo-

ricas, não é discutida, poderá tornar-se um facto. O horto florestal será a escola e o exemplo. E' alem disso uma instituição compativel com as finanças do Estado. Nem o profissional competente que o organise e dirija precisamos de ir longe procurar, pois aqui temos o agronomo Alfredo Benna, cujos trabalhos valiosos já muito nos tem servido aos interesses agricolas e comerciais. Façamos pois o nosso horto florestal. Nas matas, que o indio e as distancias ainda defendem do machado devastador, a exploração futura das madeiras terá sempre a desvantagem da dispersão das essencias, o que lhes dificulta o aproveitamento. Nas florestas artificiais desaparece este inconveniente, substituído pela vantagem economica da intensidade maior do producto a aproveitar.

Junte-se a isto a maior facilidade do transporte e ver-se-á de quanta utilidade para o futuro se reveste a empresa, que se impõe como um dever rigoroso do presente. O contrario, isto é, permanecer no que temos, será pois mais uma dolorosa demonstração da nossa imprevidencia. Das poucas matas que ainda temos mais ao alence da mão por devastar, poderemos utilizar semente bastante para as sementeiras necessarias do horto central, digamos assim, e dos hortos filiais que os municipios por imitação instituam. Que nos falta, pois ? Meter hombros á empresa com decisão sufficiente para vencer as resistencias passivas do meio marasmatico e descrente. Seja esta mais uma lembrança com que me permita o illustre Presidente do Estado lhe tome um pouco da esclarecida atenção.

Polemica

AOS LAVRADORES DE CURURUPÚ

Desempenhando-me da missão, que me confiastes, de apresentar ao Governo o vosso requerimento sobre modificações na cobrança ahi do imposto de produção, cumpre-me dirigir-vos algumas palavras de esclarecimento e conselhos que vos orientem nessa antes fantastica do que real situação de angustias, a que fostes levados pela presente remodelação fiscal do Estado. Ao vosso caso, na verdade, bem se lhe pode chamar de uma *tempestade em copo d'agua*. E tanto assim é que o vosso requerimento foi prontamente atendido porque de facto não requerieis sinão o cumprimento da lei, cuja erronea interpretação por vós mesmos, como pelas autoridades incumbidas de a praticar, era o unico motivo das queixas que levantaveis. A defesa dos vossos interesses, chamando-me a atenção para a modificação fiscal referida, deu-me o ensejo de verificar que não ereis vós os unicos productores que se aterrorisaram por falta de comprehensão exacta dos novos processos de cobrança: em todo o Estado, talvez, e aqui mesmo dentro da Capital, a grita que se ouve de lavradores ou dos que por elles se mostram interessados, toda ella se baseia num falso conceito da intenção que teve o actual Governo, a cujo respeito deveis saber poucos haverá como eu tão insuspeitos para emitir opi-

nião. O imposto que ora sois obrigados a pagar directamente, com a vantagem de saberdes ao certo quanto pagais, sempre os pagastes indirectamente por meio dos vossos intermediarios, que, se não fossem honestos, poderiam á vontade abusar da vossa confiança carregando-vos nas contas de venda com uma percentagem mais alta do que a legal. Não houve portanto gravame na tributação; houve melhoria de condições para o vosso interesse, com maior carinho ainda defendido pelo Governo com a pesagem dos vossos productos logo á entrada para o Thesouro. Muito antes desta medida official, já eu havia na Sociedade Maranhense de Agricultura reclamado pela necessidade de estabelecermos essa fiscalisação do peso dos productos remetidos pelos nossos associados lavradores. Não só de vós, como de outros productores do Estado, ouvira queixas da discordancia das vossas balanças com as dos vossos intermediarios e tambem dos maus tratos das mercadorias ao desembarcarem nos trapiches; foi isso que me levou a propor mais de uma vez naquella Sociedade que tratassemos de obter uma balança e a permissão necessaria do Governo para tal verificação.

O agente nosso encarregado das pesagens seria o mesmo fiscal que zelaria pelo melhor acondicionamento das cargas e impediria os estragos que sofriam, como esse, para exemplo, dos furadores calibresos de mais, que ali deixam a vasar o milho ou a farinha, com sensiveis prejuizos para os donos de taes mercadorias. A nossa intervenção seria desinteressada por obedecer apenas ao dever do compromisso que assumiramos com a criação daquelle orgam de defesa dos interesses da classe produtora, e os commerciantes honestos não se poderiam com ella molestar visto como iriamos assim demonstrar até aos lavradores as injustiças que porventura fizessem nas suas reclamações.

Veio felizmente o Governo ao encontro daquellas ideias, que eu não tive a ventura de ver germinarem no seio da Sociedade Maranhense de Agricultura. Hoje, meus caros patricios, todos vós produtores tendes a verificação official dos pezos das vossas remessas, os quaes são publicados, no dia immediato ao das pezagens, no Diario Official e vos achaes deste modo habilitados a reclamardes pela differença, que algum intermediario porventura pouco escrupuloso deixe acusar na sua conta de venda. Reflecti, pois, e vereis que, ao invéz de um vexame, foi de um favor que vos dotou o Governo, a quem, no vosso caso, posso afirmar-vos, não cabe a responsabilidade pelas difficuldades economicas em que vos debateis. Os que lh'a attribuirem incidirão numa injustiça, que só a ignorancia absoluta das condições economicas do mundo inteiro, neste momento historico de duvidas e desequilibrios, poderá justificar. Não será pelas medidas da presente administração que se asfixiará a lavoura. O Governo tem, na verdade, para com os lavradores do Estado, obrigações que ainda não cumpriu; são estas entretanto maiores para com os vossos collegas do Sertão, onde falta tudo, desde a saúde até a garantia, do que para convôscos que pelo menos o socorro sanitario embóra deficiente já tendes recebido. Mas lembrai-vos de que o Maranhão ainda não teve uma administração com a coragem precisa para assumir todos esses compromissos, como assumiu a actual, a quem por isso mesmo é preciso dar tempo e prestigio para vencer a campanha. Não podeis ter a menor duvida da sinceridade com que vos falo nem do empenho com que vos defendo os interesses. Sabeis mesmo que vim disposto a arcar com todos os sacrificios para vos libertar da situação vexatoria em que vos acreditaveis, rompendo fossem quaes fossem as conveniencias que me inibissem de defender o vosso di-

reito. Da minha conferencia entretanto com S. Exc.^a o Sr. Dr. Presidente do Estado e seu ilustre Secretario da Fazenda, resultou-me a convicção, que vos transmito, de que o Governo conhece bem das vossas necessidades e anima-se do desejo sincero de promover o melhoramento da vossa situação. O arbitramento da lei que vos levaria fatalmente á ruina economica pelo modo erroneo por que foi comprehendido, é um dispositivo não obrigatorio, que foi concebido apenas com o intuito de vos facilitar o pagamento do imposto. Podeis deixal-o de aceitar para continuardes como dantes a pagar o vosso imposto á bocca do cofre, ahi na collectoria do municipio ou aqui na recebedoria do Thesouro. Só pagareis pelo que produzirdes, não havendo na lei o absurdo de pagardes tudo quanto tenha sido arbitrado. O Art. 23 do Regulamento tira o character de determinação categorica, conferindo-lhe feição optativa, ao Art. 15 do mesmo Regulamento, no qual o futuro simples *pagarão* sahio erradamente pela forma composta *poderão pagar*. A circular explicativa da Secretaria da Fazenda corrigio claramente o engano. O imposto só é cobrado pelo produzido para venda. Se pudesseis avaliar quanto poderieis produzir e o arbitramento da lei, feito com o devido cuidado, coincidissem com essa avaliação, tanto importaria pagar o imposto de cada vez que fizesseis vossas remessas ou pagal-o por quotas mensaes: dispenderieis o mesmo dinheiro, sendo que o farieis mais suavemente no segundo caso.

Mas o atrazo das vossas organizações, as incertezas de que se cerca o vosso modo de agricultural, tudo concorre para que vos seja de todo impossivel prever o valor das vossas colheitas, que seria portanto absurdo se tributarem por meio de um arbitramento: Se a este dera a lei character obrigatorio, sem atender ás vossas condições, certo esta-

ria asfixiada a lavoura em Cururupú. Só num ponto, infelizmente, não pude chegar a um acordo com o Governo: foi na questão da *pauta*, que ahi grandemente prejudica aos pequenos lavradores, cuja produção, demasiado reduzida, não chega para a exportação e é toda comprada pelo commercio local. Não se pode de facto comprehender que uma só pauta regule a cobrança do imposto na capital e no interior. Fôra preciso para isso que o preço da venda dos productos fosse o mesmo nos dois pontos. E' intuitivo que onde se fabrica o producto tem elle um valor venal mais reduzido do que no lugar para onde é exportado. A pauta, por isso mesmo que se deve basear no valor dos productos, que é função das variações dos mercados, deve ser tambem variavel, não só quanto ao tempo mas tambem quanto ao lugar. O criterio da variação é o mesmo nos dois casos. Se ella com effeito varia quanto ao tempo unicamente para corresponder ás oscillações do mercado, porque deixar de variar quanto aos lugares que, pela distancia, não oferecem mercados semelhantes? Tornal-a uniforme, é dar-lhe um caracter illogico que importa em grave injustiça. E é assim que o pequeno lavrador ahi do nosso Cururupú, não conseguindo actualmente vender ahi mesmo um paneiro de farinha por mais de 2\$000, paga um imposto exorbitante correspondente á pauta que se traçou pelos preços da Capital. Ha entretanto, meus caros patricios, o brocardo que diz que *ha males que vem para bem*. O Governo justificou-se explicando que essa questão de pauta é assim mesmo em todo o Paiz e que qualquer medida em contrario traria confusões de toda ordem na sua execução. Para lhe sanar os inconvenientes, no caso dos pequenos produtores de Cururupú, lembrou-me entretanto o Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos a ideia da criação dos syndicatos e cooperativas agricolas, que devem resolver, melhor que ou-

tras quaesquer medidas, a situação dos lavradores do Estado. Aceitei-lhe prontamente a lembrança conseguindo ao mesmo tempo se compromettesse mandar até ahi para vos orientar no assunto o distinto profissional Dr. Alfredo Benna, que o Maranhão tem a ventura de hospedar presentemente e aqui se acha prestando os seus valiosos serviços ao Governo. Dentro portanto de um mez terá o nosso Cururupú o seu syndicato agricola, exemplo salutar que certamente se irradiará por todo o Estado. Os pequenos lavradores terão assim o amparo de que carecem. Aguardai pois ahi a chegada daquele profissional e não esmoreçais na pratica das medidas que elle vos estabelecer.

Terminando, cumpre-me reafirmar-vos que vos não assistem, até agora pelo menos, motivos para descreer mas sim para confiardes na administração actual do Estado. Já vos expliquei que não houve gravame na vossa tributação e que o Presidente, sciente das vossas dificuldades, tem a sincera intenção de vol-as resolver. Agora mesmo vae S. Exc.^a acabar com o imposto da criação de gado e está providenciando a abertura de novos mercados para os produtores da nossa mandioca.

Esta medida sobretudo nos poderá trazer á lavoura alguma animação porque o Governo cuida de obter mercados efetivamente novos, onde as falsificações dos nossos productos agricolas ainda não levaram o descredito da nossa exportação. Aos pequenos produtores, devo ainda advertir que não ha na lei do imposto a comminação da multa como ahi a tem praticado o agente fiscal da Frescura; tanto assim é que o ilustre Dr. Secretario da Fazenda vae obrigar aquele funcionario a restituir as importancias ilegalmente cobradas, como essa de 10 réis do talão que trouxe para documentar essa transgressão da lei.

Não ha rasão para vos alarmardes e censurar-

des desde já um governo que encarou por todas as suas faces o problema economico do Estado e mette hombros com a empresa de o solucionar. Bem vos podeis lembrar de que na campanha que dirigi contra a eleição do actual Governador me baseava no então justificado mas hoje felizmente desmentido temor de que S. Exc.^a aqui não viesse e continuasse a deixar o Estado nesse regime de interinidades e irresponsabilidades correlativas que tanto lhe prejudicava o desenvolvimento. E foi assim que escrevi n' *O Momento*: "Quer S. Exc.^a de facto vir governar o Maranhão, desenvolvendo rigorosamente esse admiravel programma, que de modo tão cabal considera os mais altos interesses do Estado? Venha sob este firme compromisso de honra, porque assim poderá apreciar os intuitos dos adversarios que ora lhe dão combate e que então, dentro dessa norma intransponivel de uma politica toda de esforços dignos e dedicações patrioticas, lhe hão de prestar, com o mais nobre desinteresse pessoal e o mais decidido animo, o maximo apoio que lhes couber nos limites das forças".

E o Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos veio de facto e manda a imparcialidade da justiça confessar que S. Exc.^a não se tem transviado do seu programma, dentro de cujas linhas portanto me corre o dever daquelle apoio da maneira por que o prometi. Confio-lhe na responsabilidade e só me cabe aguardar os resultados da sua administração, a que não poderia recusar os meus serviços, prestados naquelas condições, para, como maranhense, lhe dar ou não a quitação do compromisso que tomou.

O que deveis tambem, meus caros patricios, é considerar que da noite para o dia não se completam planos administrativos. Além disso, a obra do Presidente actual processa-se num momento critico cujas amarguras se lhe podem, com facilidade embora com injustiça, imputar á responsabilidade.

E' o habito que temos de tudo confiar do Governo e consequentemente o culpamos de todas as calamidades que ocorrerem, sem indagarmos se pode ele ou não influir, de modo eficaz nas determinantes de taes calamidades ou entrarmos na apreciação dos factos com os coeficientes sociologicos do meio, que muitas vezes, tanto ou mais do que a acção governamental, é o arbitro dos seus proprios destinos. Não pretendo com estas considerações, nem estaria isso na incumbencia que me destes, defender a administração actual de erros que provavelmente poderá praticar, por não desmentir a natureza humana da sua constituição; quero apenas dizer-vos que no vosso caso especializado não tendes razão para acusal-a, não só porque intenta ella para com a vossa classe os melhores planos de reforma e não vos procurou criar difficuldades sinão defender os interesses, mas tambem porque ainda é cedo de mais para lhe apreciardes a acção reformadora.

Creio, meus caros patricios, que nenhuma duvida vos deixo no espirito quanto á maneira como defendo os vossos interesses e procuro tambem induzir-vos a um juizo mais refletido e portanto menos apaixonado sobre a administração actual. Estae certos de que em tudo, como sempre, não procura sinão servir á verdade e á justiça, o vosso verdadeiro amigo que me prézo de o ser.

NOTA: — Já se acha organizado o sindicato agricola em Cururupú. E' o primeiro que se funda no Estado. Reina entre os agricultores grande animação e esperanza nos resultados praticos da instituição.

AMAUROSE PARTIDARIA

Perdõem-me os illustres confrades a *mania* de tudo diagnosticar. E' um habito de espirito resul-

tante da profissão. Estão francamente os ilustres confrades desviados do bom caminho, na apreciação dos factos a respeito dos quaes tenho o prazer desta troca de argumentos, e esse desvio é occasionado por um estado morbido, que classificarei mais adeante. Começando, dirijo aos cavalheirosos contedores a expressão dos meus agradecimentos pela abundancia de coração com que me quizeram julgar no seu editorial, onde antes se mede a sua generosidade do que o meu reduzido merecimento.

Não tenho procuração para defender o governo do Dr. Urbano Santos, mesmo porque se S. Exc.^a me quizesse distinguir com essa prova de confiança, eu a regeitaria para não limitar a amplitude da minha liberdade no serviço á causa da justiça. Encomendado que fosse o sermão, não o pregaria. O unico alvo que miro, é não faltar á sinceridade do que se me desenhe como verdadeiro no campo da consciencia. Sinto-me felizmente de vontade superior a todas as injunções psicologicas, que me venham imprimir ao pensamento direcção diferente daquela que lhe resultar do exame desapassionado das cousas. Mêdo, só tenho de errar. Tanto basta dizer, para implicitamente afirmar que só me deixo vencer pela força do argumento. E como portanto o meu unico desejo é acertar, apelemos para o testemunho dos factos.

Que era o Maranhão ao tempo em que fizemos a campanha contra o Dr. Urbano Santos ? Sob o ponto de vista da saúde publica, consintam-me que fale *ex-cathedra*, morria-se aqui muitas vezes sem se saber de que, tal era a deficiencia de recursos que a clinica medica, embora manejada por profissionaes habilitados, tinha para os seus diagnosticos. Temos entretanto hoje uma filial do Instituto Oswaldo Cruz, estabelecimento de alto valor para nós e que nenhum outro Estado do Norte possui. Quem nol-o trouxe ? O Dr. Urbano Santos. De-

ficiente, moroso, mal distribuido, sem aquele abnegado entusiasmo, que devera ter conservado, do benemerito propagandista de fé que o dirige no Rio —Belisario Penna—temos ainda assim o Saneamento Rural, que máo grado todos esses defeitos já excellentes serviços têm prestado ao Maranhão. Quem nol-o deu ? O mesmo homem que o instituiu no Brasil: Dr. Urbano Santos. A Assistencia á Infancia, creação em que não se pode distinguir qual mais alto dos sentimentos que a inspiraram, se o de humanidade ou o patriotismo, acaba de ser ampliada, melhorada, visando-se remediar o grande perigo social da exaggerada mortalidade infantil nesta cidade. Quem foi que determinou essa reforma ? O Dr. Urbano Santos, de quem ouvi muitas vezes a explanação da ideia de tal melhoramento. Lá para as bandas do Cemiterio, levanta-se hoje o Hospital para os tuberculosos, onde não creio se operem curas mas onde se reclusarão grande numero de doentes, que acolhidos em outros hospitaes ou perambulantes pelas ruas e praças eram outros tantos semeadores de bacilos virulentos. Sob a influencia de quem se construiu esse elemento de defesa social contra o contagio de tão perigosa molestia ? Do Dr. Urbano Santos.

A lepra, ha dezoito annos talvez que pela “Pacotilha”, em artigos editoriaes com que occultava a minha falta de autoridade official no assunto, demonstrei que nos constituia um grande perigo social e os leprosos no entretanto continuaram sempre sem socorro e sem vigilancia. Sob a influencia de quem só agora se tratou de fazer a profilaxia de tão terrivel mal, muito embóra o Leprosario, por depender talvez do tal Saneamento pseudo-rural, tenha topado na maldita *caveira de burro*, paralisando-se a sua construção ? Sob a influencia embora indirecta do Dr. Urbano Santos. A agua que bebemos e que não pode ser mais impropria

para tal fim, de que o governo estadual já mereceu atenção e estudo para se melhorar ? Do Governo do Dr. Urbano Santos. Sob o ponto de vista da instrução, o que logo impressiona ao observador imparcial, é aquella eloquente transformação do palacio das lagrimas em palacio dos risos, substituindo-se áquella velharia de pedra um higienico edificio para a nossa Escola Modelo. Aqueles paredões inacabados escreviam bem a historia do carater maranhense, sem energia e sem tenacidade, mais propenso ás lamentações e ao pessimismo do que ao esforço e a crença nos grandes ideais; o palacete escolar, traçado em bons moldes pedagogicos, condiz com as esperanças de um futuro melhor em que hão-de desabrochar os espiritos nascentes, que alli se vão adextrar com a instrução para os progressos da nacionalidade. Que Governo, no Maranhão, já tentou transformações de tal ordem ? Só o do Dr. Urbano Santos. Pelo interior, o que é que se observa ? Lugares como Imperatriz onde, ha seis annos, não existe uma escola siquer, ao passo que em Miritiba ha cerca de seis ou oito mas sem frequencia ! Pois bem, é o governo do Dr. Urbano Santos que está para aplicar no Estado uma reforma da instrução, cujo plano geral já tive o ensejo de examinar e não tenho duvidas de que será eficiente remedio ao maior talvez dos nossos males —o analfabetismo. Quando me achava no sertão e soube do fechamento aqui de trinta escolas ao mesmo tempo que sabia tambem da criação de duas mil em S. Paulo, tive impetos de telegraphar ao Sr. Presidente do Estado fazendo contra o seu acto formalissimo protesto. Reflectindo porém que a largueza de vistas de S. Exc.^a não se compadecia com erro administrativo tamanhó, conclui logo que ao córte daquelas escolas certamente mal aparelhadas e em muitos casos incompetentemente dirigidas, devia de corresponder a intenção de substi-

tuil-as por um aparelhamento educativo melhor, e vejo que tive a fortuna de me não enganar.

O Aprendizado Agrícola "Christino Cruz", excelente e unica criação da administração passada, lá está sofrendo a reforma precisa para lhe aumentar a ação beneficentemente modificadora do nosso operariado agrícola, que assim educado nos ha-de trazer os mais copiosos proveitos á lavoura. Sob o ponto de vista economico, não nos aparece, até agora, menos fecundo em emprezas salutaes o Governo do Dr. Urbano Santos. Quem foi que interveio com o seu incontestavel prestigio junto do Governo Federal para se terminar essa *giboia de aco*, criminosamente traçada ao longo de um rio inundavel e facil de se apropriar a uma bôa navegação, mas, seja como fôr, uma arteria ferroviaria que nos ha-de ser a unica solução economica ao problema financeiro, no dia em que, para lhe garantir as despesas do trafego e levar a vida ao ser-tão moribundo, se lhe vier entroncar o ramal Corroatá-Tecantins? Quem é que ahi está trabalhando com o mesmo prestigio para que se garanta a construção deste ramal? Sabem os illustres confrades que o algodão é ou deve ser o mais importante dos nossos produtos agricolas, mas que, infelizmente, só o produzimos e vendemos de qualidade inferior pela falta de cuidados na cultura e na colheita como de classificação necessaria par o exportar. Ora, qual foi a administração do Estado que já comprehendeu a importancia desta questão e tentou resolver-a em proveito dos agricultores e dos commerciantes? Só a do Dr. Urbano Santos, que já fez aquisição de aparelhos necessarios e tem sobre o assunto a melhor opinião, que certamente o orientará para não submeter o serviço do algodão no Estado ás fantazias burocraticas do Ministerio da Agricultura, que lhe não trariam nunca as soluções praticas e positivas de que carece. A pecuaria

é também para nós importantíssima fonte de renda; mas que pecuaria temos nós ? Volto do Sertão, principal centro productor de gado, e lá não vi senão essas mesmas raças degeneradas ou não desenvolvidas das chapadas de Pinheiro. Que Governo já tivemos que avaliasse conscientemente da necessidade imperiosa de melhorar os nossos reprodutores bovinos ou de crear o nosso typo de gado selecionado ? O do nosso saudosissimo Benedicto Leite, mas também, e em condições mais bem estudadas e garantidoras de exito, o do Dr. Urbano Santos. Sabem todos que aqui vivem e os que nos visitam, que o Maranhão não tem porto que lhe possa garantir o desenvolvimento commercial. Qual foi o Governo que já se impressionou com essas corôas que se desnudam na baixa-mar, deixando apenas um estreitissimo e pouco profundo canal para o ancoradouro dos navios e já teve a ousadia administrativa de enfrentar o problema para o resolver ? Só o do Dr. Urbano Santos.

Ora, se o Dr. Urbano Santos já tudo isto tem feito, como é notorio, porque lhe classificam os confrades o Governo de *cháos administrativo* ? Tudo que deixei interrogado são factos positivos da administração actual. Temos, eu e os meus presados confrades, os mesmos aparelhos de percepção, mas, em verdade, não são os olhos senão o cerebro o instrumento principal da visão. Quantas vezes a impressão que se faz na retina não consegue despertar a consciencia dos factos observados, não porque seja vicioso o mecanismo fisio-psicologico da percepção visual, senão porque imagens mais fortes, resultantes de sugestões enganadoras, se congregam no espirito para a formação de ideias contrarias á verdade dos mesmos factos ? E' a este estado mental que denomino *amaurose partidaria*. Estão iludidos e só por isso são injustos os meus illustres confrades.

Apontando entretanto esses benefícios reaes da administração do Dr. Urbano Santos, não lhe quero eximir o Governo dos compromissos maiores que ainda tem a resolver. Visitei o Sertão de onde trouxe a impressão de ser aquilo uma terra abandonada, desagregada do Estado que ali apenas se conhece pelo pagamento dos impostos e o *dever rigoroso* de votar ! Não percebi por toda a parte que andei um só vestígio de melhoramentos que até ali tivessem levado as administrações. Ora, as medidas que o Sr. Dr. Urbano Santos tem em mãos, por força que hão-de chegar até lá, mormente vingando a Estrada de Penetração, que tão empenhadamente está a pleitear o prestigioso maranhense, conforme vi de um circunstanciado telegrama seu ao Sr. Presidente da Republica. S. Exc.^a tem pois ainda a imperiosa obrigação de não esmorecer e descançar. Num Estado porém onde tudo estava baralhado e desacreditado, é impossivel, humanamente impossivel, operar da noite para o dia aquelas transformações necessarias, sobretudo quando á ação administrativa se opõe a falta de fé e a maledicencia do meio, como muito bem escreveu no seu artigo sobre o nosso Matadouro Modelo o ilustre Dr. Alfredo Benna.

Se eu pudesse acreditar na autonomia de resoluções dos nossos *lycurgos* estaduaes, demonstrar-lhes-ia, sobretudo aos amigos *coronelões* que *pontificam* naquelê *cenaculo* da rua Tarquinio Lopes, a imprescindivel necessidade da reeleição do Dr. Urbano Santos. Precisam de sequencia nas ideias as administrações para serem frutíferas. Reeleito que fosse o Dr. Urbano Santos, continuaria ele com a sua responsabilidade directa no desenvolvimento do seu plano de governo. Confiemos entretanto que lhe venha um sucessor capaz de lhe continuar a mesma ação reformadora.

Para que me não respondam os ilustres con-

frades diagnosticando-me por sua vez uma especie de *amaurose urbana*, determinada pela fascinação, que porventura me tenha provocado a palavra solemne e convincente do ilustre Presidente do Estado, de modo que lhe não perceba nos actos administrativos sinão o lado bom, passo a concordar com os ilustres confrades neste ponto unico da nossa questão: a *pauta*. Não tem, de facto, razão o Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos em desatender nesse ponto á reclamação do nosso commercio. Depois da minha conferencia com S. Exc.^a procurei ouvir pessoas idoneas e insuspeitas a respeito do assunto e verifiquei que a pauta official está com effeito sendo traçada mediante preços superiores aos das transações commerciaes. Conta-se que o Governo assim tem procedido por ter verificado que o commercio, no tempo da alta do algodão, abusou em fornecer preços inferiores para a confecção da pauta e, receioso de continuar a ser enganado, resolveu mandal-a confeccionar da maneira por que se está fazendo. Dado porém que tal tenha acontecido, ainda assim não fica bem ao Governo, embora com um intuito louvavel de corrigenda, abusar por sua vez na estipulação dos preços correntes. Os prejuizos resultantes de taes diferenças não deixam de ser consideraveis e refletem-se tambem sobre a classe produtora, que tem o Governo o maximo empenho de amparar. E' para confiar que ao esclarecido espirito do Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos não escapem afinal as razões das queixas geraes contra essa pauta e mande S. Exc.^a lhe modificar as bases da organização. Quando mais não seja, urge desdobrar a pauta em duas especies: a da produção e a da exportação.

Analysei, conforme me aconselharam os confrades, a administração do Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos: chegamos porém a conclusões opostas. Não será portanto para a combater mas sim para a aju-

dar que eu poderei procurar a honrosa companhia dos meus ilustres confrades. O lugar, que a nimia gentileza dos confrades me oferece na redacção do "Diario", é cousa com que muito me rejubilo porque me fará voltar a um convívio mental que sempre me encantou: lá estarei, pois, mas entrecortando a nossa synergia de acção, no serviço á causa publica, por essas dissensões que me ditar um sentimento mais rigoroso da justiça e que, ao invéz de nos fazerem minguar, muito pelo contrario mais e mais nos fortificarão a mutualidade da estima.

ANNOTANDO TAMBEM

Não foram felizes os ilustres confrades nas suas *Notas á margem* de quinta-feira. Ha nelas principalmente dois pontos que me cumpre rebater categoricamente. Releva-me-ão portanto que intensifique as *anotações* que tambem faço quando neles tocar. Comecemos pois calmamente.

Onde viram os confrades na minha lenga-lenga aos lavradores da minha terra, que eu accusasse alguem de negar um programa de governo ao dr. Urbano Santos ? Não o fiz e nos conselhos áqueles lavradores, tanto não desprezei as coordenadas com que o Presidente do Estado orienta o seu governo, que disse aos meus compatricios dessem tempo á acção administrativa para lhe avaliarem depois os resultados. Se houvera desprezado tais coordenadas, não insinuaria uma esperança, que de tal modo só poderia ser vã. Assim falei aos lavradores justamente porque vi que o Dr. Urbano Santos traçou no seu programa, e o está desde já procurando executar nesse ponto, linhas que determinam um futuro melhor á lavoura estadual. Aconselhando porém que se deve esperar para julgar, com fundamentos não antecipados e portanto seguros, da acção de um governo na qual não se

pode desprezar o factor tempo, não me afirmo em afirmo em attitude passiva, que nunca guardei na minha vida, vivida sempre com sobranceira, que a poucos é dado manter em todo o decurso da existencia. Passividade, em que ? Onde na minha carta aos lavradores de Cururupú ha uma proposição qualquer que me revéle tibieza de animo ou interesse occulto de agradar ao Governo ? Enganaram-se os illustres confrades. Julgaram mal a posição que assumi. Se a paixão, no momento em que me quizeram ver numa attitude indigna da minha conduta, lhes não perturbasse o entendimento, ter-me-iam visto sim, não só altivo perante o Governo, como tambem irreverente aos caprichos ou interesses subalternos de qualquer classe social que seja. Attitudes passivas, não as guarda nunca quem como eu temperou o character na dureza de principios inflexiveis e soube felizmente habituar-se ao sofrimento, para lhe suportar com praser as amarguras quando a tanto conduzir o dever. Confio que os illustres confrades reconsiderem a injustiça daquella expressão.

Arguem os illustres confrades de *erro fundamental* ao Dr. Urbano Santos começar S. Exc.^a todos os serviços publicos ao mesmo tempo e extranham que eu apoie um governo que assim procede. Concórdo que tal processo administrativo, por collidir com a crise financeira do momento, seja para censurar se encararmos a administração no seu conjunto, mas sob o ponto de vista especial que me importava na defesa dos interesses dos lavradores não tinha eu motivo para deixar de apoiar o Governo, que já tem tomado medidas proveitosas aos meus constituintes, á causa dos quais, devo prevenir, é gratuito e expontaneo o patrocínio que exerço. Se o Dr. Urbano Santos tomou por base do seu governo um orçamento forçado, se manda fazer construções sem orçamento, se nega ao Con-

gresso Legislativo e ao Povo as despesas extraordinárias que faz, se despreza o problema da instrução pública, se não promove a justiça, se não garante a ordem pública, se não garante ás autoridades nos seus logares o respeito que lhes é devido, se não combate o crime no interior do Estado, se muitas outras cousas, enfim, não faz que lhe são de imperioso dever não deixar de fazer, não é absolutamente a mim que incumbe pesquisar-lhe e combater-lhe tais erros, mas unicamente aos confrades que exercem o jornalismo, onde só *per accidens* faço as minha ligeiras incursões. Mas, perdõem-me a franqueza, se todas essas culpas são da natureza de algumas de que posso avaliar, como essas, por exemplo, de desprezar a instrução e não manter a ordem pública, fica o Sr. Dr. Urbano Santos absolvido de todas as demais. Os confrades estão de manifesto *parti pris*, o que é muito para lamentar. Pode desprezar a instrução quem faz o respeito dela o que está fazendo o Dr. Urbano Santos? Deixa ao *Deus* dará a ordem pública quem não mediu despesas para capturar Tito Silva e está, como sei e afirmo aos confrades, preocupado em reprimir de modo eficiente o banditismo no Sertão? Ou será que o defeito de tal critica está em não se aproximarem bem os confrades do Governo para lhe observarem os actos administrativos, que avaliam através de uma reportagem enganadora? Que os confrades estão de *parti pris*, dil-o flagrantemente o topico das suas *Notas* no qual se referem ás Obras do Porto. Confessam que ainda lhes não conhecem as bases do contracto mas *desde já* adeantam que não serão vantajosas para o Estado! Aquele *desde já* na verdade é a negação categorica da sua imparcialidade de julgamento.

Falem-me os illustres confrades na *minha conversão*! Não os entendo absolutamente neste

ponto e acho mesmo que serão tão incapazes de o explicar como foi o tipografo de acertar com a grafia da palavra, trocando-lhe o s pelo ç. Converso eu, de que e para que ? Sou felizmente um espirito cujo modo de crêr não se tem abalado, antes, pelo contrario, cada vez mais se estabilisa com a idade e as reflexões. Quereriam porventura os confrades aludir ao *ponto de vista partidario* querendo fazer crêr que eu seja hoje do *Partido do Dr. Urbano Santos* ? Teria muita graça, como peça de carnaval. Partido politico, nunca pertenci a nenhum. Sabem os confrades que depois da campanha Pró-Godofredo tentei organizar aqui, não propriamente um partido, mas um blóco (palavra infelizmente suspeita na politica nacional) para agir como força reguladora independente nos momentos eleitoraes; mas devem tambem saber que debalde convoquei novas reuniões do Comité, reuniões que nunca mais pude conseguir se fizessem, não sei se porque anunciava para elas, alem da organização daquele nucleo politico, tambem o ajuste de contas das despesas feitas com o "Momento", jornal que creamos para aquela campanha. Seria esse o unico partido a que me veria ligado e partido seria porque eram ideias bem definidas as que lhe haviam de constituir o programma. O facto de aproximar-me do Dr. Urbano Santos para o ajudar da maneira independente por que o faço, já o tenho fartamente explicado como um dever civico a que me comprometi quando o guerreava e cuja pratica portanto só poderá merecer louvores dos que não tiverem a consciencia conturbada pela influencia dos interesses ou odios pessoais.

Proposições contrarias e contraditorias, dizem os confrades na sumula das suas *Notas* ! Quem as formulou ? Leva-nos isto a uma ligeira incursão pelo dominio da Logica.

Dizem-se contrárias duas proposições quando uma afirma e a outra nega a mesma qualidade do sujeito, que é o mesmo para ambas e em ambas é tomado em toda a sua extensão, ou, em termos mais technicos, quando uma é universal afirmativa e a outra universal negativa. São contraditorias quando uma é universal afirmativa e a outra particular negativa, ou então uma particular afirmativa e a outra universal negativa. Ora, em que pontos da minha lingua-lenga aos lavradores de Cururupú se depa^ram proposições de taes naturezas? Nas *notas á margem* dos confrades observa entretanto que, se num ponto affirmam *residir o erro fundamental do Dr. Urbano Santos tão somente em atacar todos os serviços publicos ao mesmo tempo*, linhas adeante declaram que lhes não confiam no governo porque S. Exc.^a comete os erros de fazer obras sem orçamentos, ter garage de automoveis luxuosos, negar ao Congresso e ao Povo as despesas que faz, etc., etc. Este *tão somente* é outro *lapsus calami* comparavel áquele *desde já*. Não está patente a contradição dos confrades? Todos estes escorregões succedem pela natureza resvaladia do terreno personalissimo em que se estão collocando. Tenham paciencia, escutem o conselho amigo do confrade mais velho: não deixem o excelente periodico que montaram entrar de corpo e alma no exclusivismo de uma opposição systematica. Não me levem a mal a opinião mesmo porque já me vou calar no assunto, que me não agrada de modo algum e já deu ensejo para me atirarem com essa descabelada injustiça de que espero reparação. Nas columnas do "Diario" continuarei apenas, se lhes aprouver á benevolencia permittil-o, com as minhas *causeries* desenxabidas, mas sinceras, sobre questões que mais essencialmente aproveitem á coletividade. O meu tempo é sagrado e é curto; não o posso estragar em

bailados politicos que divertem o publico mas via de regra pouco lhe aproveitam aos interesses fundamentais.

O “SHAKE-HANDS” FINAL

Puz termo, no meu artigo de sabado e não sem magua pelo fazer, á discussão que originou entre mim e os meus illustres confrades do “Diario” a minha carta aos lavradores de Cururupú. Não pôdia deixar de assim proceder. Já estou com efeito na idade em que é preferivel trabalhar a discutir e devia obedecer a este ditame da velhice, embóra os adversarios se me revelassem gladiadores de escól, nos rencontros com os quais sempre havia que lucrar, quando mais não fosse, esse prazer moral de oferecer o exemplo edificante do que deve ser uma contenda entre cavalheiros que sabem zelar pela nobreza da linha, que lhes traça a cultura mental. E é só por este motivo que ainda tomo do meu florete, não mais para um ataque á fundo que julgo desnecessario, mas simplesmente para as evoluções com que sóem saudar-se os contendores daquela especie ao terminar do combate. Não posso entretanto furtar-me ao dever que sinto de enviar á brillantissima penna, que ainda hontem me pôz *notas á margem*, os meus calorosos louvores pela habilidade com que se houve em guiar a polemica sem bater nas *Scylla* e *Charybdis* daquelles *desde já* e *tão somente* com que lhe minára o rumo.

Evitar as tenazes dilematicas da argumentação não é de facto recurso sinão para os consumados talentos jornalisticos como esse a que muito me prêzo de dedicar elevada admiração e yerdadeira estima. Aqui lhe deixo pois com toda a sinceridade as minhas saudações, muito embóra sinta lhe não poder deixar tambem os meus parabens pela vi-

toria, que não conseguiu, de me haver convencido de que se não desviára do rumo legítimo da verdade e da justiça.

E... tenho concluído.

Diversos

O POSTO DE SELEÇÃO DE CAJAPIÓ'

Limitar-me-ia a subscrever plenamente o que a respeito desta instituição, com autoridade incomparavelmente maior, já disse o reputado agrônomo dr. Alfredo Benna, se como maranhense me não assistira o direito de mais alguma coisa afirmar, que á penna daquele nosso ilustre hõspede não competia ferir, mas que á minha se me impõe como um imperioso dever de não deixar em silencio.

O Posto de Cajapió é, na verdade, uma das medidas administrativas de mais alto alcance economico que se estão tentando no Estado, mas de cujo valor, entretanto, pouquissimos aqui serão aqueles que estão nas condições de julgar. Não estão ainda, infelizmente, dentro do patrimonio mental do nosso meio, as generalisações scientificas que constituem hoje o fundamento da industria animal.

E' de data recente a introdução, no nosso ensino, do estudo da Historia Natural, pois não vae para muitos annos que nos nossos collegios superiores aprendiamos desde o latim até á retórica e uma filosofia toda especulativa, mas ficavamos inteiramente na ignorância dos segredos do mundo vivo, de que fazemos parte. Ainda hoje, que eu saiba, não consta dos nossos programas escolares, o estudo das theorias da Evolução, que dominam entretanto todo o conjunto das concepções filosoficas

e acabam de dar origem a esse novo ramo da biologia humana — a eugénica — de cujo cultivo impende o melhoramento ou a regeneração das nacionalidades. Além da insciencia de taes assumptos e sem duvida por este motivo, os nossos compatricios não têm absolutamente o espirito de curiosidade que só o cultivo da sciencia experimental, com effeito, póde desenvolver, e quando o tivessem, parece que lhes inhiibe esta tendencia intellectual o habito nocivissimo já adquirido da maledicencia. O vicio educativo mais facilmente os inclina a falar sem conhecerem do que a procurar conhecer para falarem. O maranhense, pois, via de regra, é missionista. E porque é um inerte mental, partidario é fiel do principio do menor esforço, que lhe não solicita a vontade de um trabalho qualquer de verificação. Afiguram-se-lhe excessivas, para o explorado potencial energetico hereditario, as idéas motrizes de uma simples excursão, em que se possa aparelhar para não ir de encontro á verdade ! Falta-lhe o interesse das coisas essenciaes que o induza ás penas de conhecê-las.

Ora, o Posto de Cajapió é, de facto, distante, de acesso ainda incomodo, porque o bom senso, que felizmente lhe presidiu á instalação, nã havia de deixar ali aquellas excellentes condições regionaes, tão proprias áquelle destino, para o colocar aqui á margem da Capital; em taes condições, não é de certo para os debeis do querer, filosofos do repouso e da comodidade, coisa facil e agradavel conhecê-lo. E' preciso ter a idéa segura do melhoramento grandioso que aquillo representa, para, iluminado por uma fé animadora no futuro, embarcar daqui nesses "gaiólas" perigosos, nos quaes a imprevidencia criminosa das Companhias vae até ao ponto de não prover os navios do combustivel bastante para as viagens, e, nestes tempos de invernã, decidir-se a atravessar verdadeiros mares

de lama, para chegar afinal áquelle Posto e scientificar-se do que ali, de facto, se está procedendo pela prosperidade do Maranhão. Assim o fiz e não me arrependi. Dei por muito bem empregado o esforço dispendido no cabo de uma voga, a remar para concluir a viagem até ao porto e ainda o que foi preciso para me libertar da vasa pegajosa da margem, na qual cahira commigo o animal que montava. Os trancos e barrancos sofridos e vencidos, foram-me delicia diante dos resultados da minha observação. Trouxe dali confortado o espirito pela esperança de ver que em verdadeira equação economica de raizes positivas se vac pondo o problema para nós capitalissimo da pecuaria maranhense. Conhecedor, como sou, das chapadas de Pinheiro e do Sertão, semelhantemente pobres de forragens naturaes, pela insignificancia ali das gramineas e carencia mesmo de leguminosas, tive o prazer de verificar que nas chapadas do Posto, de formação provavelmente diferente, é entretanto grande a variedade das gramineas, encontrando-se tambem desmodios com abundancia. O serviço de açudagem, que representa, nestas zonas de verões e invernos rigorosos e bem distintos, um problema de maxima importancia, foi ali feito com toda a segurança de construção e criterio de escolha do local. No Posto, pôde-se afirmar, não faltará agua nunca. A estrada de rodagem que se está preparando e de que já existem bons trechos executados, é uma outra obra de valor, que além de servir ao Posto, resolverá a grande dificuldade do desembarque para a vila de Cajapió durante o inverno: quer isto dizer que representa tambem um grande melhoramento para aquelle municipio.

Dos especimens bovinos do Posto e da orientação que lhes vai dirigir a seleção, escuso-me de escrever porque pretendo mais de espaço tratar do assunto em uma conferencia publica, ilustrada

com projeções luminosas, que possam levar a convicção ainda aos mais descrentes do nosso progresso e contumazes cultores da maledicencia.

Do Posto propriamente, com efeito, nada mais poderia escrever depois que li o Dr Benna e verifiquei a exectidão das suas descrições. Mas, alem do que já disse eu sobre o modo injusto por que encaram commumente os meus compatricios aquella obra que tão promissoras esperanças, cumpreme ainda dizer, e é esse principalmente o meu filito neste artigo, alguma cousa que ponha em relevo a grande responsabilidade que deve incumbir ás futuras administrações do Estado de manter e procurar sempre melhorar aquella instituição. Pela natureza do problema que ali se vai resolver não será absolutamente dentro do curto praso, de um quadriennio administrativo que se colherão os frutos de tão oportuna empresa economica. A fixação dos tipos de raça destinados á utilização pelos criadores do Estado na industria pastoril, não é cousa que se possa obter sem tempo e sem perseverança. Desde portanto que não houvesse continuidade de acção administrativa no assunto, o que só poderia resultar da absoluta ignorancia da sua natureza e valor economico, tudo estaria perdido e jamais o Maranhão deveria pensar em firmar o seu futuro na pecuaria, que lhe será entretanto a mais solida base da prosperidade. Esse hiatus na administração é sem duvida a causa que, fóra mesmo do dominio da pecuaria e assuntos analogos, mais tem contribuido para a improficuidade dos nossos governos em geral. A variação de programa é muitas vezes até a mascara com que se prócura defender a incompetencia orgulhosa embora intimamente reconhecida de alguns desses individuos, que sóbem esporadicamente ao poder. Nos Estados Unidos, o Ministerio da Agricultura, por exemplo, só conseguiu levar o paiz áquella prosperidade agri-

cola que se conhece, quando resolveram deixar um ministro — Mr. Wilson — durante mais de trinta annos gerindo a sua pasta. Aqui, os ministros como os presidentes e governadores, são mutaveis a breves trechos e, o que é peor, não seguem quasi nunca a mesma linha administrativa, o que é um grande mal. Esta infelicidade resulta para nós indiscutivelmente da deficiencia da nossa organização politica. Não temos partidos com idéas bem definidas que possam garantir a uniformidade administrativa ainda quando os governos se succedem dentro do mesmo situacionismo politico. Os programas administrativos deviam na verdade resultar das idéas bem firmadas, com as quaes se integrasse o partido dominante. Mas como lhes falta a todos os partidos uma tal estrutura psychologica, variam fatalmente os programas de governo com o coeficiente pessoal de cada um dos detentores do poder. Um faz e outro desfaz, mórmente se substitue na governança um oposicionista ou inimigo pessoal; e neste trabalho de Sisypho, o que róla sem destino seguro, são os interesses da coletividade.

Queira a nossa fortuna abrir-nos uma salvadora exceção pelo menos nessa tentativa louvabilissima de criação da nossa pecuaria racional. Atentem bem na importancia do assunto os senhores politicos que se candidatarem á direção do Estado. Daqui lhes apelo para o sentimento da responsabilidade, do civismo e até da propria dignidade e da honra. A superioridade no governo não está apenas na originalidade de idéas boas e aproveitaveis sinão tambem no respeito e aproveitamento das idéas alheias que não sejam más. Forças que se não sommem e actuem simultaneamente, não produzem de certo o efeito mecanico desejado. E' a mesma verdade que traduz o aforismo popular: "pedra que róla não cria limo".

UM CULTO QUE MORRE E UMA LEI QUE SE DESMORALISA

Um dos maiores defeitos da nossa organização mental, é sem duvida alguma a falta de tenacidade, que sempre deixamos traduzir-se nos insucessos de quasi todos os nossos empreendimentos. Queixamo-nos á toda hora de uma tal *caveira de burro* como causa do atraso de nossa terra, sem nos apercebermos de que a trazemos enterrada em nós mesmos, como viciosa feição de conduta que adquirimos. *Nossas virtudes*, diz sabiamente William James, *são habitos assim como os nossos vícios e nossa vida inteira não é, em definitiva, si não um feixe de habitos-praticos, emocionaes, intellectuaes — organisados systematicamente para nossa felicidade ou nossa desgraça e nos conduzindo irresistivelmente ao nosso destino*. Ajusta-se-nos ao estado de decadencia, explicando-o de modo claro e completo, a luminosa sentença do illustre pensador. Não se pode inferir de uma analyse psicologica aprofundada, em que se considerem as nossas origens e mais antecedentes historicos, que nos sobrecarreguem a evolução taras hereditarias pesadas de mais para explicarem o recuo relativo, com que vamos caminhando ao lado dos outros Estados, na vida progressiva do paiz. A deficiencia mais provavelmente parece resultar dos nossos processos de educação. Queiram ou não queiram os criticos, o conceito de Gustavo Le Bon é o que melhor explica o mecanismo fisio-psicologico da educação, estabelecendo que ela, de qualquer ordem que seja, *consiste na arte de fazer passar o consciente no inconsciente* pela criação de reflexos, que o uso desenvolve cada vez mais e a hereditariedade afinal consolida sob a forma de habitos. Temos a mais bela prova disso no automatismo final de certas faculdades, como a marcha por exemplo,

cuja aquisição, facilitada embora pelas predisposições organicas transmitidas, bom tempo nos consome de ensaios e tentativas. Nessa aprendizagem, que é que se opera sinão a provocação de sensações percebidas e acumuladas sob a forma de imagens, que se associam nas variadas representações mentaes, seguidas de descargas motoras correspondentes? Os passos incertos, que á principio tentamos, creando reflexos que canalisem o movimento atravez das vias sensitivo-motoras do organismo, não se estabilisam com o exercicio de modo a podermos andar sem a percepção consciente desse acto fisiologico? Não se pode tambem contestar que faculdades mentaes como a atenção, a memoria e a vontade, sejam um entretecimento de reflexos, que a educação pode desenvolver e aperfeiçoar. Mas para que a educação consiga esse resultado é preciso que ela possa provocar os reflexos e exercital-os. Não o conseguirá se não tiver um character pratico, em que substitua a simples narração de factos pela experiencia individual dos educandos. Pregar doutrinas e não fazel-as praticar pelos alumnos, é não lhes aproveitar a influencia na conduta destes, que não as terão assim impressas no seu inconsciente. Dahi a vantagem da disciplina, na orientação da conduta, sobre todos os ensinamentos teoricos da moral. E' o nosso consciente, isto é, o nosso psychismo superior que nos faz discernir, mas é o nosso psychismo inferior ou o nosso inconsciente que nos dirige nas nossas ações. Temos a prova disso na propagação das idéas. Enquanto elas nos dominam apenas a esfera consciente, não influem nos nossos sentimentos com a força psicomotora que depois adquirem. Dahi o valor extraordinario da crença.

Vêm todas essas considerações a respeito da frieza com que se tem nestes dois ultimos annos celebrado entre nós a festa da arvore, introduzi-

da em virtude de um acto legislativo, aprovado pelo poder executivo, nos programas escolares. Logo que foi instituída, cercou-se-lhe a pratica de maxima solemnidade, comparecendo á praça publica todos os collegios officiaes, cujos alumnos testemunharam a plantação de uma arvore como reconhecimento do que devemos á planta e exemplo do que deve fazer todo o homem, para merecer a vida de que gosa, conforme o proverbio arabe que sentença não justificar sua existencia sinão aquelle que as tres seguintes cousas tenha praticado: *plantar uma arvore, publicar um livro e procrear um filho !* Já no anno a seguir, porém, creio que a cerimonia, como agora, se limitou á entoação de hinos e recitação de alguns discursos alusivos; faltou o essencial da festa, o que lhe conferia justamente a feição de um culto e influia de modo preponderante no animo dos alumnos, com toda a força educativa de um exemplo: não se plantou uma arvore !

Acompanhemos o raciocinio provavel dessas creanças que viram, no inicio, celebrada essa festa com toda a solemnidade estabelecida na lei e agora a vêem assim quasi apagada dos programas escolares. Terão os legisladores decretado uma coisa sem razão de ser e que por isso se vai deixando de praticar ? Ter-nos-á ludibriado o governo ordenando que os nossos mestres nos conduzissem a uma cerimonia ridicula, que foi depois eliminada por um acto de mais justa ponderação ? A arvore merecerá na verdade o nosso carinho, terá tanta influencia na nossa vida que nos valha a pena de aprendermos cultivá-la ? Ou são as nossas leis decretos sem rigor, que se podem impunemente deixar de cumprir na totalidade das suas determinações ? Tais serão as interrogações que, de si para si, poderão formular as creanças, impressionadas pelo desleixo official na observancia de um

acto legal. E assim vai a duvida sobrepujando a convicção na alma infantil ! E assim se vai minando de falhas o character da geração !

Ainda ha pouco, os illustres confrades do "Diario", num magnifico editorial, a que apenas poderia discutir a negativa, que fizeram, da maneira brusca por que tambem se processa a evolução, traçaram com maestria as linhas psicologicas gerais que orientam a conduta, pondo em relevo as deficiencias do character nacional. Sem pretender discutir completamente o problema, que transcende dos limites de um ligeiro artigo de jornal, devo entretanto dizer que aceito a influencia modificadora da educação na formação da alma das nacionalidades. A educação não será o *remedio eficaz* para as tendencias hereditarias viciosas mas não deixa de concorrer beneficamente no afeiçoamento do character e portanto na orientação da conduta. A' colaboração social não se trazem hoje os retardados, ortopediando-lhes o espirito por uma educação apropriada ? Por que processos diferentes progridem os povos ? Não nos fornece porventura o Japão o exemplo eloquente de um surto historico inesperado, que a outras causas senão principalmente a uma rigorosa cultura se pode attribuir ? Houve acaso no Imperio do sol nascente introdução de *raças superiores* que lá fossem caldear o character niponico ou o japonéz buscou apenas fóra do seu paiz a luz intellectual com que voltasse para transmutar n'uma rapida civilisação a energia potencial da sua propria raça ? Com a lei do sorteio militar obrigatorio, mercê do rigor que felizmente se lhe vai mantendo na execução, já alguma coisa temos conseguido no aperfeiçoamento da nacionalidade. Com essa intransigencia até agora não quebrada pelas nefastas proteções politicas, tem-se desenvolvido de lgum modo o espirito da disciplina, que é, no dizer expressivo de um pensador, o

nervo da força! Seguir á risca as disposições de uma lei, para nós que tão habituados eramos a transigir, não deixa com efeito de ser salutarissimo exercicio psicologico, capaz de nos imprimir no subconsciente aptidões determinadoras de um caracter melhor. Ora, não ha motivo para que no cumprimento das outras leis, mormente dessas que intendem directamente com a educação da mocidade, o desleixo, o descaso, a indiferença, contrastem com a retidão no cumprimento da lei do sorteio militar. As consequencias da relaxação das leis civis, são tão funestas quanto o podem ser as decorrentes da relaxação das leis militares.

Quando a festa da arvore não representasse outra cousa sinão um symbolismo puro, sem vantagem pratica immediata, ainda assim, pelo simples facto de ter sido ela determinada por lei e praticada pela primeira vez de modo completo, com o concurso das creanças, não se lhe deveria nunca alterar o ceremonial, para não levar ao animo destas a ação desorganizadora do exemplo de uma desobediencia a um preceito legal.

Sei que não raro falece ás nossas leis a justeza de concepção que lhes confira o character de *razões necessárias que derivam da natureza das cousas*; mas não é ao espirito da creança que compete discernil-o; a esta deve-se sempre mostrar que a lei é a lei e religiosamente se cumpre, para a garantia da ordem social. Além disso, nenhuma critica fundamentada ainda se levantou contra o culto da arvore. Não ha muito, mostrei num artigo que um fulgurante publicista nacional, que já tentou combatel-o, concluia afinal por accital-o recomendando a reflorestação. Esse descaso entretanto pelo ritual com que da primeira vez aqui se celebrou essa festa, é caracteristico da nossa conduta, revelando claramente a instabilidade dos nossos principios. Assim costumamos negligentemente proceder na

pratica dos nossos deveres sociais. Falta-nos o rigor nas ações porque nos falta a consistencia no character.

Qual a etiogenia do mal ? Deficiencias energeticas da raça ? Falsidade das idéas que nos influem nos destinos ? Sem pretender negar a eficiencia de predisposições organicas e psicologicas transmissiveis, julgo entretanto que o mal maior está justamente na falta de uma rigorosa educação mental, que, procurando prevenir os *deficits da herança*, nos possa conduzir á aquisição de habitos meliores. A cultura puramente formal que praticamos, não nos pode servir á consolidação do character. Pensam, na verdade, os psicologos americanos que se deve continuamente associar o trabalho mental a tarefas definidas, nas quais se interessará o espirito da creança, para constituir nele habitos de pensamento e desenvolver mecanismos de ação pelos quais possa resolver os problemas, que se lhe depararem. *A impressão de ter agido é necessaria para completar a experiencia da ação*, diz William James.

Só em uma educação assim concebida, se pode praticar a ortopedia mental, de que nos fala o grande professor Alfredo Binet quando escreve: *De même que l'orthopédie physique redresse une épine dorsale déviée, de même l'orthopédie mentale redresse, cultive, fortifie l'attention, la memoire, la perception, le jugement, la volonté. On ne cherche pas à apprendre aux enfants une notion, un souvenir, on met leurs facultés mentales en forme.* Claparède concordantemente sentenceia: *La didactique est une preparation a l'action; tout ce que l'on apprend à l'enfant n'a de valeur que pour autant que ces connaissances sont intégrées dans le circuit dynamique qui unit l'ation à la satisfaction d'un besoin ou à la solution d'un problème d'adaptation.* Ora, é isso exatactamente o que aqui não

se observa, e quando um legislador adeantado procura introduzir nas escolas uma medida educativa como essa de que me venho ocupando, logo a desidia na observancia da lei lhe mutila a parte mais importante, justamente aquella que melhor impressionaria a creança, provocando-lhe um esforço útil que, mais do que as platonicas insinuações dos professores, lhe poderia imprimir no subconsciente memorias organicas constitutivas do habito proveitoso, que a lei tinha em vista organizar.

Interpretando a judiciosa sentença citada de William James, pode-se portanto dizer que não será nunca com processos tais de preparo mental que systematisaremos virtudes capazes de nos guiarem os destinos para a felicidade; acentuaremos sim cada vez mais os nossos vicios, que irresistivelmente nos conduzirão á desgraça. E eis porque afirmo que a *caveira de burro* da nossa terra, a trazemos enterrada na nossa propria conduta. A reacção precisa de ser energica e persistente. Reajamos todos os que temos a responsabilidade do futuro. A moral já foi muito bem definida numa formula comercial: *quem recebeu, deve*. Já teve o Maranhão filhos que bem lhe cuidaram do patrimonio mental de que fomos herdeiros. Estamos entretanto hoje para assim dizer a malbaratar a herança, quando o principio moral nos impõe o dever de a multiplicarmos.

Trabalhemos, pois, para nos desobrigar do honroso compromisso que nos foi legado e poder-mos por nossa vez passal-o tambem como tributo á atividade dos que nos sucederem.

O PERIGO DOS CÃES

Na seção "A vida nos campos" da "Pacotilha", publicou sabado o Dr. Alfredo Benna judiciosos conceitos sobre o perigo dos cães. A importancia do

assunto, muito maior do que talvez se julgue, levando também ao dever profissional de comental-o, aduzindo mais algumas considerações, que reforcem a utilissima campanha do illustre agronomo.

Não se pode contestar o papel nocivo dos cães, no interior, levando muitas vezes de fazenda a fazenda os germes de algumas epizootias. Mas, dobradamente maior é o perigo nas cidades, onde mais variadas são as circumstancias que o podem favorecer. Além das molestias, na verdade, que o cão assim como o gato são capazes de transmitir como simples vehiculadores de germes, ápresentam eles molestias proprias, que também podem contagiar. Tratemos principalmente do cão, que é de facto o *melhor amigo do seu dono*, nenhum outro animal, sinão poucas vezes o homem, podendo imital-o ou excedel-o nos sentimentos de afeição. Todas as vezes portanto que nos recolhemos por molestia, não deixamos de ter, á beira do nosso leito ou debaixo da nossa rede, esse fidelissimo companheiro, a que um dos nossos maiores vultos nacionaes — o saudosissimo Joaquim Murtinho — chegou mesmo a dedicar um culto afetivo especial. E é justamente nessa prova do afeto canino que está o perigo maior. Doentes de molestias contagiosas como a variola, a diphteria, a febre tifica, por exemplo, se não impedirmos que os nossos cariciosos *tótós* nos venham assistir de tão perto, certo lhes passaremos os germes infecciosos, que eles poderão levar mais adeante, concorrendo de tal modo para a propagação muitas vezes de uma epidemia, que as barreiras higienicas comumente empregadas não poderão limitar. Além disso, o cão é ainda perigoso pelo habito que tem de tudo farejar pelas ruas, chegando mesmo ás vezes a lambe os escarros, que tuberculosos sem escrupulos atiram repugnantemente nas calçadas. Quantas vezes portanto não nos voltam para a casa os *tótós* com

o focinho carregado de microbios virulentos, que assim muito facilmente nos serão transmitidos nas lambedelas com que esses bons amigos parecem, ao entrar, pedir-nos desculpas dos seus furtivos passeios ? E quando, nestas primeiras carícias, não nos passam a terrível molestia, infectados por ela que também os afeta, permanecem dali em deante como uma ameaça constante de contaminação.

Ao escrever estas linhas, reacende-se-me a saudade do meu carinhoso Médor, companheiro que me não abandonava, cochilando embóra ao lado da minha cadeira, por mais alta noite que levasse os meus trabalhos e que ao chegar do Sertão não tive mais a ventura de encontrar, como sempre que voltava, a ganir e a pular de contentamento; nunca, em taes ocasiões, confesso, lhe regeitei a mão para as carícias, mas devo também afirmar que sempre as fazia seguir da mais rigorosa aseptisação. E é este o conselho que desde já transmito aos meus leitores. Não devemos, de facto, nunca deixar de lavar rigorosamente as mãos sempre que os nossos cães as lamberem ou a estes cofirmos o pello em sinal de amizade. Nos quartos dos doentes deve ser em absoluto vedada a entrada desses nossos amigos verdadeiros assim como também dos gatos, que são mais amigos das nossas cozinhas. E' sobremodo perigoso o contacto das creanças com esses animaes. Não raro, com efeito, os *tótós* chegam até a lamber os labios dos meninos, depositando assim muitas vezes na melhor porta de entrada o bacilo da tuberculose ! Não devo aqui fazer uma distinção entre *cães vagabundos* e *cães recothidos*. E' raro na verdade que os derramadores das nossas latas de lixo nas calçadas não tenham um lar humano a que pertençam. Vagueiam, mas têm dono. Não se explica que as cadelas proliquem no meio da rua ou becos dos arredores para nos darem a canzoa-

da, que nos ameaça dentro da urbe as pernas e o pudor. Sou obrigado a entrar neste *ponto social* do assunto para prevenir a objecção de que os *tótós* de tratamento sejam inofensivos, sendo apenas perigosos os vagabundos *sem eira nem beira*.

Todos os cães que nos infestam a cidade, têm lares embóra pobres, onde passem algum tempo, e os *tótós* os mais cuidados não deixam ás vezes de fugir, obedecendo ás forças do instinto. São todos, pois, bastante perigosos. Nos lares pobres, o que se pode attribuir como nocividade maior aos cães de tratamento escasso, é que, além do contacto com as pessoas, procurem eles, acossados pela fome, lambem tambem os pratos e meter o focinho nas panelas, dando assim logar a um meio mais de contaminações.

Aquí entre nós todos os cães são ainda perigosos por uma das molestias proprias, que nos podem transmitir: a hidrofobia ! A filial do Instituto Oswaldo Cruz, que possuímos, ainda infelizmente não está aparelhada para o preparo da vacina curativa de tão horrivel mal. Cassio de Miranda, o proficiente e operoso technico que tão dignamente a dirige e já outros excelentes beneficios nos vae prestando com os seus esforços, ainda não conseguiu dos poderes competentes os auxilios, de que precisa, para dotar, não só ao nosso Maranhão mas tambem aos nossos visinhos nortistas, de um centro verdadeiro de pesquisas, que o meio impõe á curiosidade scientifica, como tambem de um laboratorio completo de todos os recursos profilaticos e curativos já experimentados na pratica medica. Praza á nossa fortuna seja em breve o Dr. Cassio atendido nos planos, com que procura solucionar de modo completo o grandioso problema, cuja equação devemos á gerencia ministerial do Exm.^o Sr. Dr. Urbano Santos, que certamente não deixará

de empenhar cada vez mais o seu valioso prestigio para que assim se lhe aperfeiçoe a obra de real utilidade, principalmente para o Estado, que vae com vistas superiores dirigindo. Antes, porém, que taes medidas se tomem, ser mordido nesta cidade por um cão hidrofobo, é ser condemnado, para a garantia da vida, a uma viagem pelo menos ao Pará, onde já existe um instituto para o preparo exclusivo da vacina anti-rabica, decisão certamente que se não conforma com a capacidade monetaria de todas as bolsas.

Tanto pois pelas molestias nas quaes sirvam apenas de agentes contagiadores, carregando-lhes, no focinho, nos pellos ou ainda nas patas, os germes especificos, como pelas de que possam tambem sofrer a infecção, são os cães e os gatos animaes domesticos de grande importancia nas medidas de hygiene preventiva. "*Chiens et chats*", diz o illustre Dr. Hericourt que primeiro chamou a attenção sobre o facto, *se moquent biens des lois sur la santé publique, qui ne sont évidemment pas faites pour eux*. Recordo-me de já uma vez ter escrito mostrando a necessidade de regular-se a posse dos cães nesta capital. A municipalidade estabeleceria o imposto obrigando a matricula todos os cães de tratamento e faria percorrer as ruas por carrocinhas apropriadas para catrafilhar todos os que se encontrassem vagabundos. Destes, joeirados os que tivessem donos capazes de lhes garantirem os *passaios prohibidos*, pagando-lhes a carceração que permitisse a soltura, seriam os restantes submetidos ao gaz sulfuroso ou outro processo qualquer de morte, que a força do egoismo humano tenha inventado para mostrar que o homem é afinal... o rei da criação ! Permanece oportuna a idéa, mormente quando julgo ter mostrado serem mais nocivos os cães da cidade do que os *filantes de janta-*

res dos coronelões do interior, conforme escreveu pitorescamente o Dr. Benna.

Ainda mais oportuna se afigura, sabendo-se que o nosso illustre chimico Dr. Antonio Dias tem em estudos a instalação de uma graxeira, com o fim de aproveitar todos os residuos animaes do nosso matadouro. Este trabalho, de incontestaveis resultados economicos, tem ainda a inestimavel vantagem higienica de impedir que a zona do rio Anil fique damnificada pela podridão daqueles residuos que, além disso, concorrem para a manutenção dos urubús, especie nocivissima que a todo o transe devemos combater. A graxeira do Dr. Dias não daria que pensar á municipalidade pelo destino dos *cães sulfurados*. São duas instituições pois que se completariam e devem ser simultaneamente creadas, em beneficio da saúde publica.

Aos capitalistas adeantados, que devem empregar tão bem o seu dinheiro e aos distintos legisladores municipaes, aqui deixo o apelo. Aos Srs. prefeitos do interior, como aos reverendissimos parochos, recomendo tambem os conselhos do Dr. Alfredo Benna com a opinião de quem plenamente concórdo.

PELA ASSISTENCIA PUBLICA

Prezados confrades do "Diario de São Luiz"

Na vossa local, com que noticiastes a palestra que ahi tive o intimo praser de entreter convosco, fizestes referencia ao plano, que tenho em mente, de estabelecer nesta Capital o serviço de assistencia publica. Dá-me isso ensejo para falar desde já sobre o assunto, de cuja realisação entretanto só mais tarde me poderei ocupar. Que temos, na verdade, em São Luiz, que se possa chamar de assistencia publica? O Posto de Ulcerados, a Santa Casa, o Serviço Municipal e a Assistencia á Infan-

cia ? Bons serviços, não ha duvida, subretudo este ultimo, que aos outros incontestavelmente sobreléva em importancia, pelo ser, pode-se dizer, de ação eugenica essencial na formação da nacionalidade futura. Mas, além de que tem este e o Posto de Ulcerados funções especializadas, não se podendo incumbir de socorros de urgencia, funcionam todos elles unicamente durante o dia, não proporcionando portanto á população a segurança de uma assistencia pronta durante a noite, quando com effeito são mais instantes os casos que reclamam cuidados medicos. Formulemos hipoteses que me justifiquem a ideia, desde algum tempo concebida, daquella creação.

Seja A um individuo qualquer da classe mais favorecida da fortuna. No seu dia natalicio, recebeu os amigos, servindo-lhes um copioso jantar, que a cerimonia da festa marcou para ás 7 horas da noite. Como ha nesta Capital deficiencia de extravagancias culinarias, é o ovo da galinha o *chico pronto* para a confecção de todos os acepipes. Mas os ovos algumas vezes aqui chegam, vindos sobretudo de Guimarães, acondicionados, para se não quebrarem, em latas com farinha lavada, onde se lhes asfixiam os embriões, começando-lhes portanto desde logo a fermentação cadaverica. A sogra de A, respeitavel matrona, tanto pelas suas virtudes como pelo seu appetite, abusou um pouco dos *sonhos*, dôce, de facto, delicioso com as seducções do qual não vacilou a senhora em romper com a etiqueta e desrespeitar a hygiene, comendo demasiado daquela sobremesa. Retirados os convivas, já alta noite, começou ela a sentir-se mal, com suores abundantes, pulso ligeiro, tontices, abatimento, seguindo-se diarréa profusa e violentas dores abdominaes. Amiga zelosa pela calma de espirito do genro, não o quiz chamar logo aos primeiros symtomas; mas vendo que o mal se agravava, grita por

A., que prontamente acode e pensa logo no Dr. X, amigo e medico da familia, que lhe tomára parte no banquete e certamente não demoraria em atender-lhe ao chamado. Chovia, porém, e A, apesar da extrema preocupação de salvar a sogra, lembrou-se de que deveria, para trazer o medico, levar um automovel. Sae apressado, dirigindo-se para a praça João Lisbôa. Nem mais um carro, porém, ali se achava, áquella hora, e A teve que buscar a garage mais proxima. Bate e sem tardança lhe responde alguém que o chauffeur não se achava presente. Demanda A uma outra garage, onde encontra um *chauffeur* mas onde o unico carro, que não seguira para as festas a São José de Ribamar, miraculoso homonymo de A, estava com os pneumaticos furados e não podia sahir. Impacienta-se A mas não desanima e bate na terceira garage, onde a fortuna afinal lhe depara um chauffeur cuidadoso e um carro em condições. Norteia-se para o medico, que prontamente o atende. Muito embora suspeito o clinico de uma intoxicação alimentar, não pode levar logo consigo os recursos necessarios porque, apressado pela necessidade de se preparar para o banquete, esquecera no seu consultorio a seringa e a carteira com as empôlas medicamentosas de urgencia e não tem mesmo em sua casa nenhuma substancia purgativa applicavel ao caso. Examinando a doente e lembrando-se de que lhe percebera á mesa a glotonaria com que se servia daquelle dôce de ovos, não tem duvida em firmar o diagnostico e fazer as prescrições necessarias. Não lhe fez falta a seringa porque A tem uma filha, que foi da malograda Cruz Vermelha Maranhense, onde, máo grado as obscuras lições do professor, aprendeu a menina a dar injeções hipodermicas e para este mister em casa lhe comprara A uma Luer. Feitas as prescrições, sae de novo A, que se não fia de mandar os creados ou o chau-

feur, tamanho é o carinho que lhe merece aquela boa sogra; vae no auto em busca da farmacia mais proxima, pois com a festa não tendo lido os jornaes, ignora qual a farmacia de plantão. Bate naquella, uma, duas, tres vezes: ninguém lhe responde porque o farmaceutico não pernoita no estabelecimento sinão quando está de plantão. Procura A uma outra farmacia cujo dono reside ao lado da mesma. Bate, uma, duas, tres vezes, sempre em vão: o farmaceutico, que muito humanamente para se livrar das amolações noturnas fóra das vezes que a lei do plantão lh'as determina, escolhe para dormir o aposento mais recondito da casa e de lá não é com qualquer barulho que desperta. Mas lembra-se A da sogra e ferra na porta pancadas mais repetidas e mais fortes; acorda o farmaceutico e avia-lhe as receitas. Volta correndo á toda velocidade do auto o piedoso genro. Medica-se a doente mas a depressão cardiaca já não cede ás injeções de ether ou cafeina e o coma se instala. O medico scientifica a familia da situação e começam então as lamurias e recriminações. A, que é verdadeiramente amigo da sua sogra e homem de fortuna, arranca os cabelos e desanda a falar do Maranhão, confessando-se arrependido por não ter deixado esta terra em cuja Capital morre a gente daquela maneira, por falta de recursos oportunos.

Seja B, homem tambem de fortuna, que se dá ao *sport* muito comum entre nós de praticar a medicina e é muito lido em assuntos de chimica applicada. Ensina um dia á espôsa que para tirar as manchas de ferrugem na roupa nada melhor que o sal de azêdas. Pede-lhe a senhora que lhe traga um vidro e guarda-o no mesmo armario em que o marido tem as drogas, com que ele mesmo medica o pessoal de casa e tambem os extranhos, que lhe recorram ás consultas. Adoece, não a sogra de B, mas uma filha, a quem ele receita logo um purga-

tivo salino de sal amargo. Ao preparar o purgativo toma B desastradamente por engano o vidro de sal de azêdas ao invéz do vidro de sal amargo. Envenena-se a infeliz creança, que logo começa a experimentar sensações de queimaduras nas mucosas tocadas pela solução ingerida, principalmente no estomago, com dôres epigástricas, regurgitações e por fim vomitos sanguinolentos. O pae, aflito, sae correndo em busca de um *colega* e, mais feliz do que A, encontra logo o Dr. Z. que o atende.

Este clinico, porém, não tem um aparelho para lavagens do estomago. Receita a agua de cal, que é ingerida em quantidade insufficiente e que além disso custou a chegar porque era domingo e as farmacias tinham fechado desde a tarde, custando a B descobrir um farmaceutico para aviar a receita. Sobrevêm phenomenos nervosos, agitação, formigamento nos membros, convulsões e por fim instala-se o coma. Desola-se o infeliz pae, arrependido da sua medicina e de morar no Maranhão.

Seja C, não um homem rico mas um pobre operario que, por obediencia ás suas crenças religiosas, procura nestes dias de semana santa alimentar-se de peixe e o compra a pescadores criminosos, que fazem uso do timbó nas suas pescarias. Envenena-se C e toda a sua familia, numa casinha humilde lá para as bandas da Baixinha. Pobre como é, não se atreve a pedir a um visinho que lhe busque um medico e os remedios precisos: desanima e lá fica com os filhos a sofrer e a queixar-se da falta de caridade no Maranhão.

Seja, finalmente, o guarda noturno D, que no exercicio de sua função procura prender um gatuno, que o apunhala. Cae o infeliz na rua, áquella hora da noite, a esvair-se em sangue e sem ter quem lhe possa prestar um socorro immediato. Vítima do seu dever de zelar pela tranquillidade no-

turna da cidade, não lhe falece razão para se queixar da falta do dever de assistencia da cidade para com ele.

Nessas hypotheses, em que não ha fantasia mas figuração de casos de toda probabilidade, quantos não haverá em São Luiz que não recordem angustias mais ou menos semelhantes já uma vez sofridas ou presenciadas ? Poderia varial-os ao infinito, compreendendo todos os casos de urgencia que aqui se tem de resolver, até o presente, com *a roupa que Deus dá conforme o frio*, não sem algumas vezes verificar-se *a congelação* do paciente. Seria isso porém enfastiar os leitores, que pelo formulado já com certeza se convencerão de que precisamos, com decidido animo, crear o serviço de assistencia publica nesta Capital. Nem aos senhores genros lhes pareça que nesses casos lhes hão de sempre morrerem as sógras; reflitam, como no de B, que lhes poderão tambem morrer as filhas e até a propria espôsa. Mas, como deverá ser este serviço organizado ? Explique-se. Temos aqui dentro do perimetro urbano 5912 casas. Destas, suponhamos 914 ocupadas por pessoas realmente pobres, incapazes portanto de concorrer com uma quôta qualquer para a manutenção do serviço; 1.666 por pessoas de situação financeira já um pouco melhor e que por isso poderão pagar em conjunto por habitação 500 rs. mensaes; 1.666 por pessoas cujas rendas devem permitir uma mensalidade analoga mas de 1\$000, pagando a de 2\$000 os habitantes das 1.666 casas restantes. Fazendo os calculos, teremos a quantia total de 5.831\$000 mensaes com que se poderá manter o serviço, que será administrado economicamente por uma diretoria, composta de pessoas idoneas, residentes na Capital, e elegivel de seis em seis mezes. Além desta administração economica, haverá uma direção medica, de ação

independente mas harmonica com aquela, tudo conforme dispositivos codificados num regulamento.

Com cinco medicos, dois enfermeiros, um servente e um *chauffeur*, se constituirá o pessoal da Assistencia. Cada noite ficará de plantão um medico e um enfermeiro. Ao medico que fôr designado o plantão por uma pauta semanal, feita pelo collega diretor, será formalmente prohibido aceitar durante esse tempo qualquer outra incumbencia profissional, sendo-lhe tambem de rigorosa obrigação participar, para que o substitua, ao colega, que o tenha de seguir no plantão, um estado qualquer de molestia sua ou outra circumstancia imperiosa qualquer que o possam forçar a não atender com a maxima presteza ás occorrencias do serviço.

O plantão do medico poderá ser feito na sua residencia, contanto que tenha um telefonio para receber os avisos da Assistencia, onde um enfermeiro e o *chauffeur* sempre pernoitarão e para onde se deverão dirigir todos os chamados. Como os aparelhos telefonicos não são generalizados por todos os pontos da cidade, deverá pensar a direção economica da instituição em estabelecer aparelhos avisadores como os que se usam para os incendios e que permitirão o pedido de socorro aos bairros ainda os mais pobres do perimetro urbano. O automovel da Assistencia, adaptado ao transporte de doentes, terá sempre os aparelhos e medicamentos necessarios para todos os socorros medicos e chirurgicos de urgencia, de modo a prescindir-se da intervenção das farmacias que retardaria a prestação daqueles socorros. Na Assistencia deverá haver as acomodações necessarias para se recolherem durante a noite do acidente os enfermos, encontrados na rua e que não tiverem residencia em condições de os receber depois de socorridos, afim de que sejam no dia seguinte internados nos hospi-

taes. Em taes condições, dado um acidente qualquer, seja no ponto que fôr da cidade, será transmitido o chamado directamente para a Assistência, de onde o enfermeiro, enquanto o *chauffeur* torcer a manivela do automovel, avisará o medico, partindo immediatamente o socorro, que será assim prestado a tempo e á hora seja a quem fôr que o solicite. Querirão, porém, inscrever-se para a organização do serviço todos os chefes de familia ou donos de casa de São Luiz ? E' o caso de lhes lembrar que o espirito de associação é a maior potencia reguladora do progresso e defensora da vida das coletividades modernas. Tão modicas além disso serão as contribuições que nenhuma duvida se poderá ter de que todos aqui aceitem a ideia, cuja pratica lhes trará o inestimavel socego de espirito resultante da certeza que assim lhes não faltará ás angustias o necessario lenitivo immediato.

Como entretanto os rebeldes aos bons conselhos não deixam de aparecer nas sociedades, o serviço instituido terá para esses o castigo devido: pagarão, no dia em que o raio lhes cair nos cascas, os juros e móra da sua rebeldia. O serviço terá assim a sua *lista negra*, na qual inscreverá todos aquelles que, estando francamente em condições de o fazer, se tenham todavia recusado a associar-se para tão humanitario fim.

Vou terminar, e vós, meus caros confrades do "Diario", talvez me queiraes perguntar pelos meios para a aquisição do automovel e mais aparelhos precizos de que falei, a menos que eu não esteja construindo um *castelo de cartas* ou pensando na *carne e na couve* antes do *caldeirão* que as cosinhe. Sim, esses meios... consenti que vos responda parodiando as palavras do biblico Abraham, quando o filho lhe perguntava pela vitima a imolar: "Deus proverá, meus amigos !" E deixemos

correr o barco para diante. Confio no vosso poderoso auxilio.

OS PERIGOS DA NOSSA NAVEGAÇÃO E A NECESSIDADE DE UM FAROL NA ILHA DE MANGUNÇA.

Vale-nos por mais uma bem amarga lição o naufragio, que se acaba de dar, do vapor *Uberaba*.

Devemos pois aproveitá-la em beneficio do futuro, para o melhoramento do qual na verdade sempre se podem utilizar os ensinadores desastres do presente. Como é porque se terá dado aquelle naufragio? Sabem os que viajam ou se preocupam com as condições das nossas costas que a navegação, deste porto ao de Belém, se faz norteada pelos faróes de S. Marcos, Itacolomy, S. João, Gurupy, Caeté e Salinas. Não é só para se libertarem das *pontas e quebradas* da costa que os vapores precisam dos marcos de orientação desses faróes; outros perigos ha para evitar muito ao largo, como esse já hoje celebre baixio de “Manoel Luiz”, que fica, numa distancia de 45 milhas, ao nordeste da Ilha de São João, onde, ha talvez um anno, está apagado o farol do mesmo nome. Entre “Manoel Luiz”, que é um rochedo sempre submerso constituido por aguçadas pontas de pedras, e a Ilha de São João, ha ainda o “Reported” (deixo a denominação em inglez como está no roteiro para evitar confusão, que a maiuscula inicial talvez não previna) com uma braça e meia de profundidade. Mais para o sul, outro com quatro braças e tres quartos, ficando-lhe ainda ao sudoeste um outro conhecido por “Ambrosio”, á distancia apenas de 5 milhas da Ilha de Mangunça, em cuja latitude mais ou menos se acha. Para além do “Manoel Luiz” regista-se ainda o “Silva”, que faria correr

perigo á navegação do Pará para o sul por fóra daquelle baixio. Esta navegação com tal rumo para envolver o baixio de “Manoel Luiz” teria ainda a desvantagem de descrever um grande arco de circulo, o que, sem oferecer segurança compensadora por causa do “Silva”, alongaria de mais a viagem. Seguindo-se o rumo habitual, isto é, por dentro do “Manoel Luiz”, os navios que não tenham de vir ao Maranhão porque tragam destino direto para o Recife, por exemplo, como trazia o “Uberaba”, reconhecido que seja o faról de São João, buscam logo o faról de S. Anna. Mas, que poderá succeder se estiver apagado o faról de São João ? Do faról de Salinas ou do Gurupy, uma vez que não contem com o de São João, terão esses navios que rumar em busca do reconhecimento do faról de S. Anna e um desvio qualquer resultante de alguma ligeira alteração da agulha, o que se pode pensar tenha acontecido no “Uberaba”, que dizem vinha carregado de ferro, poderá leval-os de encontro ao “Manoel Luiz”, onde pelo menos uma boia iluminativa de grande fóco já se deveria ter colocado, uma vez que ainda se não pôde concertar o faról de São João, tombado pela inconsciencia do terreno em que foi edificado. O Tenente Dunhan, distinto official de Marinha que aqui nos instalou a Estação Radio Telegrafica, esteve de facto estudando as ilhas do Lençóes e São João para transferir a séde do faról, cujo apagamento foi sem duvida a causa proxima do desastre do “Uberaba”. Não sei a que conclusões chegou o proficiente tecnico naval mas creio ter achado difficuldades em encontrar ponto seguro para a mudança referida.

A navegação do Pará para São Luiz é feita com rumo SSE passando á 5 milhas do “Ambrosio” e como este baixio dista apenas 5 milhas de Mangunça, segue-se que um faról, de 12 milhas de alcance que fosse, colocado nesta ilha, além de ser

outro marco de muito valor para esta navegação, poderia também servir para a navegação direta para o sul, que neste caso de apagamento do faról de São João, viria com aquele rumo de SSE até reconhecer o faról de Mangunça, de onde então se nortearia para o reconhecimento do faról de S. Anna. Este faról em Mangunça é tão necessario que, infelizmente, já o indicou uma vez o encalhe do vapor "São Salvador" na ponta do Maracanã.

Além disso, não é só a navegação á vapor entre os Estados que merece a attenção dos poderes publicos federaes. Mangunça é o ancoradouro forçado de todos os barcos que fazem a navegação de Bragança, Vizeu, Redondo, Tury-Assú e todos os outros portos de Cururupú, com excepção de poucos do rio Urú, para esta Capital. Rarissimos os dias em que elles ali não estacionam á espera de bom tempo ou maré. Tive já a ideia de fazer uma estatística, que me dêsse uma média de frequencia, não a tendo ainda realisado por falta de tempo e pessoa idonea a quem confiasse as observações. Creio entretanto que não será exagero uma média de 200 barcos mensaes.

Para os que sabem que são eles que principalmente nos transportam e nos enchem o Tesouro, levando também aos municipios os productos commerciaes, na carencia em que ainda vivemos de transportes melhores fóra da zona do Itapecurú, não preciso portanto de esclarecer a vantagem de um faról em Mangunça, que daria também a essas *formigas aladas* a segurança de rumo de que precisam. A barra de Mangunça, com efeito, sendo a melhor da costa, é ainda assim cheia de perigos, que lhe impedem a entrada de noite sem a existencia de um faról.

Nutro porém a esperanza de que agora conseguirei do Exm.^o Sr. Dr. Ferreira Chaves, cuja lucidez de espirito já tive a oportunidade de apre-

ciar de perto na conferencia que me fez a honra de conceder em Natal, pelo menos um poste Aga, de lampejos, com 12 ou 16 milhas de alcance. Tem este aparelho a grande vantagem economica de não exigir faroleiros; funciona automaticamente, mediante corda que se lhe dá de seis em seis mezes. Ha em Mangunça, no ponto conveniente, terreno com estabilidade precisa para taes installações. Da vigilancia, que porventura seja necessario dar ao faról, poder-me-hei incumbir sem onus algum para a Marinha.

Pelas considerações que expendi sobre navegação, não me queiram os leitores classificar de *sapateiro tocando rabecão*; fui habilitado a fazelas pelos ensinamentos que colhi de autoridades competentes, o Sr. Commandante Villas Boas e o Sr. Pratico Manuelzinho. Fiz com aquelle distincto profissional uma viagem ao Pará, costeando na ida e directa na volta. Foi durante esse trajeto que acompanhei com interesse e cuidado a indicação de todos os accidentes do caminho.

O Commandante Villas Boas, que além do conhecimento pratico, tem muita erudição nautica, mostrava-me sempre no roteiro todos os rumos a tomar. Vem dahi a ousadia de intrometer-me no assunto, animado pela justiça da causa que defendo.

O NOSSO MATADOURO MODELO

E' uma questão de patologia social muito interessante, o desanimo e a maledicencia do nosso povo. Porque não crê, porque é pessimista e de tudo maldiz o maranhense? Estará nas nossas origens a causa do mal? Estará na nossa educação ou esta já é viciada em consequencia desse mesmo mal de que se trata? São deveras tão amortecidas as nossas reacções vitais, que se diria bem, como

explicação, haver alguma cousa que nos perturbe os centros reguladores da energia. Parecemos, de facto, um organismo em que se tenha rompido o equilibrio fisiologico, por deficiencia da função endocrínica das glandulas que se incumbem de manter o tonus vital. Somos uma sociedade abatida, apatica, quando muito queixosa. Será isso ainda uma questão de carencia de origem alimentar ? Será a farinha de mandioca que nos deixa de fornecer ao organismo o potencial energetico suficiente a reações mais vivas ? Nega-o eloquentemente o exemplo do cabloco, que não come outra cousa e é entretanto resistente a cansaças e molestias. Este mesmo exemplo de tanta resistencia organica, de par com tanta deficiencia de animo, mostra bem que a falta é mais de natureza moral. Vem do habito, que uma educação melhor ainda não tentou corrigir. Descremos e maldizemos de tudo e de todos, porque nos não ensinaram a agir com firmeza e a confiar na ação. Nas escolas, aprendemos mais a amparar-nos com as proteções do que a conquistarmos a vida com independencia. Não nos exercitamos a suportar a dôr, a desprezar as amarguras, para só amarmos o trabalho que nos custe fadigas e tormentos. Quem tem um filho, pensa mais em collocar-o em *situações garantidas*, embora muitas vezes parasitarias, do que em preparar um homem que saiba lutar e tenha só assim o empenho de vencer. Não é pois deficiencia harmonica, não é carencia alimentar, nem é propriamente herança psicologica, porque os nossos maiores pareciam mais fortes e leais; é vicio de conduta, é habito de parasitismo social, é fraqueza moral decorrente talvez da perda da propria moralidade, o que nos vai levando cada vez mais para a degradação. E, no entretanto, mau grado a deficiencia dos seus filhos, o Maranhão materialmente progride. Só o vesgo pessimismo

destes o póde negar. Quem se lembra do que era aquele esterquilínio ali abaixo do pseudo-hospital dos lazarus, onde os urubús e as môscas disputavam connosco a carne magra e doente, que se nos fornecia á alimentação, e vai hoje observar o Matadouro Modêlo que possuímos, não poderá deixar de assombrar-se do progresso que realisamos ! Mal se comprehende mesmo que a passagem fôsse tão brusca ! Aos que comiam, forçados pelas circunstancias, aquella carne em que as patas e as trombas das môscas podiam com facilidade deixar fragmentos dos *excreta* dos lazarus ali tão proximos, parece, com efeito, quasi impossivel que a possam comer agora, sinão com a mais absoluta segurança de qualquer contaminação, porque falta ao Matadouro actual o complemento necessario de mercados higienicos, pelo menos com a garantia de que ela vem de um gado sadio e abatido nas mais rigorosas condições de limpeza possiveis ! Do Matadouro Modêlo se póde, com efeito, fazer a synthese higienica afirmando *que ali não ha môscas*.

Percorri-o todo, examinando-lhe todos os detalhes das funções e poderia tel-o feito de sapatos brancos porque os não traria manchados de sujo ! Mais e melhor, não se póde desejar. Ali só falta uma cousa: o boi em condições perfectas para ser abatido. E' uma deficiencia que não corre por conta do Matadouro mas que é preciso sanar e diremos linhas abaixo o meio de o conseguir. O trabalho da escolha, entretanto, não deixa ainda assim de ser rigoroso. Não temos, de facto, no Estado, condições que permitam o fornecimento de um gado melhor, o que, portanto, não póde deixar de atenuar aquele rigor. Abatido o animal, esfolado, eviscerado e esquartejado, sem o menor contacto com o chão, muito embora seja este farramente lavado, marcam-se todas as peças, de modo que, se um exame posterior descobrir numa viscera

qualquer uma lesão condemnatoria da rez, esta se possa reconstituir integralmente para ser rejeitada. Em cinco minutos talvez, todas aquelas peças se reúnem, sem engano possível, pela maneira rigorosa por que se marcam. No macisso das carnes, em regiões de possíveis tumores resultantes de traumatismos, fazem-se sistematicamente incisões que os possam descobrir. Retalham-se cuidadosamente as visceras com o mesmo intuito de pesquisa. A fiscalisação, enfim, é completa, o que se evidencia mesmo do numero de rezes rejeitadas, já em pé, já depois de abatidas. A limpeza das visceras, é outro trabalho digno de apreciação. Quem o assiste, não terá mais aqui repugnância em comer *mo-cotó*. Mas que pena me punge de ainda poder afirmar que a obra higienica do Matadouro está incompleta ! Não é uma incongruencia que a carne ali tão cuidada se distribúa depois pelos talhos da-quele nauseabundo mercado publico ? E' incongruente e vergonhoso.

O mesmo sopro de progresso que fez o Matadouro, deve agora levantar a obra do Mercado Modêlo. Faça-se quanto antes, porque é essa uma grande questão de hygiene publica, cuja imperiosidade se traduz no brocardo: *Salus populi suprema lex est !* Mas não é só o Mercado Modêlo: é também a Graxeira um complemento inadiavel do Matadouro Modêlo. Já o disse em outra ocasião, apelando para os capitalistas da terra, que se não devem furtar a essa obrigação patriotica de empregar o seu dinheiro também em cousas uteis a toda a coletividade. Além disso, a Graxeira é empreza que garante os juros do capital. Porque não tental-a ? E' esse também um dos males deste meio: a esquivança dos capitalistas a empregarem o dinheiro aqui ganho em cousas que possam importar em melhoramentos locais. Não deixa de ser isso

uma reflexão do nocivo principio psicologico do menor esforço.

Falta ao Matadouro gado em condições, disse eu; e que meios se podem sugerir para remediar esta falta ? Sem querer tratar da deficiencia propria dos nossos rebanhos, na sua maioria constituídos por variedades degeneradas e incapazes, inconveniente este que se vai procurar prevenir no futuro pelo Posto de Seleção de Cajapió, devo dizer que este gado, que os nossos marchantes trazem ao nosso consumo, melhoraria muito de condições se fôsse conduzido até ao Matadouro por uma outra via de transporte que não as *gabarras*. Penso pois que um ramal da Estrada de Ferro até ao Piqui, centro de uma feira que foi e pode assim tornar-se outra vez importante, resolverá em parte a questão. Conduzido por via ferrea, o gado passará menores privações e não será muito maltratado. Dos males, venha o menor. Verdade é que falando em estrada de ferro quero referir-me á S. Luiz á Caxias, quando ela fôr verdadeiramente uma Estrada de Ferro, isto é, quando tiver a ponte de ligação sobre o Mosquito. Presentemente, sem aquella ponte, ela é apenas uma estrada para transporte incómodo de passageiros, que não têm outro remedio si não tolerar aquele penosissimo transbôrdo. Confio porém que a ligação se fará sem muita demora. O transtorno da estrada foi a idéa, bela em teoria mas absurda na pratica, de se querer logo uma ponte larga, com passadiços para automoveis e cavaleiros que, da outra banda, fossem atolar-se na vasa da margem e mais adiante nos campos dos Perizes ! Não creio de facto que os defensores da idéa pensassem tambem n'um aterro paralelo ao leito da estrada, aterro carissimo devido á excessiva kilometragem do terreno vasoso a vencer, ou pretendessem que o trajecto dos automoveis e cavaleiros fôsse o proprio leito daquela. A idéa, encantadora

pelos progressos grandiosos que antevia, empolgou facilmente os espiritos, transportando-os a um futuro tão remoto que lhes tirava dos limites da visualidade aquelas condições do terreno, contraindicadoras de uma ponte tão larga e, por tão larga, tão cara, e por tão cara, provavelmente ainda não encomendada ou concluída até hoje. Com a reflexão, as cousas voltaram aos limites da possibilidade e o nosso illustre Presidente do Estado já tomou as providencias para que nos mandem a ponte simples, menos custosa, e mais facil portanto de adquirir, de modo que se venha já completar a Estrada, que só assim poderá fazer o transporte de cargas, abaixando a tarifa, como comporta o seu traçado, e dando o rendimento que se espera para fazer face ao preço escandalosamente alto que custou. Não é pois uma segunda idéa visionaria essa de um ramal até a feira de Piqui, que os nossos marchantes, melhor do que eu, poderão dizer se lhes modifica ou não favoravelmente o problema. No Matadouro Modelo, no anno de 1920, foram abatidos 16.699 bois e recusaram-se 861, dos quais 714 por magreza, 86 por febre aphtosa, 18 por molestias comuns e 43, já depois de abatidos, por tuberculose. Tanto basta para se ver o inestimavel serviço de defesa da saúde publica que ali se está praticando. Muito embora no Congresso Internacional de patologia comparada, realisado em Paris em 1912, das memórias, como a do Prof. Liguieres, se concluísse ser o bacilo da tuberculose bovina uma variedade diferente do bacilo da tuberculose humana e se tenha hoje estabelecido a innocuidade para o homem da carne do boi tuberculoso, não só porque a cocção pode destruir o bacilo, como tambem porque este não se encontra nos musculos dos animaes doentes sinão muito raramente, ninguém deixará de louvar a fiscalisação que nos livra de um tal alimento. Já se póde, em-

fim, comer, sem outros perigos que não sejam os resultantes do abuso do proprio regime, a carne de S. Luiz. Mas como tudo aqui tem a alma do fogo de palha, que o sopro do pessimismo ou da urucubaca facilmente poderá apagar, cumpre fazer ás futuras autoridades municipaes, de cuja inflexivel conduta dependerá a vida normal daquella instituição, a mesma carga de responsabilidade, que já fiz aos futuros presidentes do Estado no caso do Posto de Cajapió. O prefeito que deixar enfraquecer ali a disciplina administrativa, matará o estabelecimento, que terá desvirtuadas as suas funções protetoras da saúde publica; essa autoridade merecerá o castigo da execração coletiva. Não creio portanto que maranhense algum, digno deste nome que todos prezamos, seja capaz de desmerecer da elevada missão de zelar, com todo o devotamento e honestidade, pela vida dos seus coestadanos. Terminando, muito agradeço ao distinto cavalheiro, sr. Edgar Figueira, a gentileza com que ali me recebeu e mostrou o estabelecimento e bem assim as pacientes e minuciosas explicações que me deram os presados colegas Bento Urbano da Costa e Ernesto Vióla, dedicados e competentes profissionais, que ali prestam os seus valiosos serviços.

O alcool e o alcoolismo

Gomentarios á lei federal de 6 de Julho de 1921.

Apelo ás mães, ás espôsas, ás irmãs e as filhas.

O homem, como todo ser vivo, não é mais do que um delicado transformador de energia. A vida, na verdade, que é mais do que esse conflito, com que lhe explica o *bergsonismo* a fragmentação em individuos e especies, entre a resistencia da materia bruta e a força explosiva que a mesma vida representa como um equilibrio instavel de tendencias ? Duas são as fontes energeticas para a machina viva: aquella que lhe fornece os potenciais e aquella que para assim-dizer lhe provoca a transmutação dos mesmos potenciais; a fonte constituida pelos alimentos e a fonte constituida pelas excitações determinadas pela ação do meio ambiente ou pela ação das secreções internas. Nos alimentos, está em forma de tensão (potencial) toda a energia que será libertada pelos desdobramentos dos inesmos, para ser utilizada no movimento das diversas peças da machina; nas excitações, está para assim dizer a explosão sem a qual as energias acumuladas não se despertam, não se transmudam da forma potencial para a forma cinetica, em que se utilizem nos variados processos fisiologicos. Intervem ainda no mecanismo biologico, como um factor de ação reguladora, a hereditariedade individual. Os desdobramentos energeticos são condicionados ás tendencias hereditarias e deixam-se portanto influir pela constituição, que os impulsos ancestrais ou as modificações do habito tenham imprimido aos organismos. Infere-se disto que, ao passo que

alguns individuos possuem a capacidade nutritiva necessaria para o exercicio normal da vida, outros apresentam um *deficit* hereditario ou adquirido, que lhes não permite ás celulas constitutivas o aproveitamento da energia, que absorvem com os alimentos. E' falha ou viciosa a sua herança nervosa ou glandular. Trazem apagada ou pouco intensa a faísca que lhes ateia o incendio da vida. Dahi o buscarem estes degradados de organização, num veneno como o alcool, a excitação que lhes influa na vaso-motricidade, para lhes elevar o tonus vital e dar-lhes a sensação de praser, que tal substancia inebriante provoca, mas que, por isso mesmo que excede á actividade fisiologica de que depende a alegria normal, é efemera e logo se substitue por uma depressão cada vez mais acentuada.

Ao alcool, por essa influencia excitadora que desperta as energias organicas, já se chegou a considerar na categoria de alimento. Demonstrou na verdade o fisiologista americano Atwater que o nosso organismo pode decompor o alcool em acido carbonico e agua, libertando 7 calorias por cada gramo de alcool absoluto desdobrado. Ora, esta quantidade de calor produzido no organismo é de facto aproveitavel como energia, que se pode transformar em movimento circulatorio que se utilisa nos processos da assimilação. Mas, como se verificou das mesmas experiencias de Atwater, só uma pequena porção de alcool pode ser assim desdobrada, de 1 gr,20 a 1 gr,40 por kilo de substancia viva e por dia, o que dá para um homem de 60 kilos a quantidade variavel de 72 a 84 gramos de alcool, que o seu organismo pode utilizar como energia provocadora de reacções vitais. Excedida esta medida, que ainda pode variar conforme os individuos e o seu estado de repouso ou de exercicio, todo o alcool que se não decompuzesse até aos productos inofensivos *agua e acido carbonico*, não só deixaria de fornecer energia util como iria irritar e alterar sobretudo as celulas nervosas, hepaticas e renais. Quando um individuo é intemperante e ingere o alcool em quantidade superior áquella que o seu organismo pode daquelle modo utilizar, desdobra-se incompletamente o excesso, que se elimina sob a forma de aldehyde etilica, que dá ao halito do infeliz um repugnante cheiro mais ou menos semelhante ao da manga-

ba, ou, se a dóse muito se exaggerou, elimina-se mesmo o alcool em natureza, como no caso do personagem de Emilio Zola, que se incendiou pelo fogo do proprio cachimbo. Lembro-me de que a fantasia verosimil do grande romancista francez provocou intenso debate entre fisiologistas e chimicos, tomando parte na contenda um nome brasileiro—Professor Domingos Freire—, que foi pela verdade, que então se estabeleceu, de ser possível aquella *combustão original* pela chamma atejada ao alcool, que se eliminava não dissociado por lhe ter sido excessiva a ingestão. Ora, como todas essas excitações exaggeradas são seguidas para assim dizer de desintegrações das celulas nervosas cuja impressionabilidade se embóta e então, para fornecerem o mesmo grau de *sensações agradaveis*, de *entusiasmo e fervor*, exigem doses toxicas cada vez maiores, os inveterados de tão degradante vicio perdem cada vez mais a sua capacidade nervosa reguladora das mutações nutritivas e das defesas organicas, tornando-se assim unidades humanas deficientes no seio da sociedade em que vivem, por terem diminuida sinão annullada a sua capacidade de trabalho, por serem terreno propicio para todas as infecções e, pior ainda que tudo isso, por transmitirem o seu *deficit* orgnico á sua desgraçada progenie. E não é só o sistema nervoso, sinão tambem o figado e os rins, a victima mais facil das desordens toxicas promovidas pelo alcool. Quando se considera na verdade o importantissimo papel fisiologico dessa glandula vascular sanguinea que o é o figado, tanto pelas suas secreções internas como pela sua função biliar, e o papel não menos importante e sinergico dos rins, depurador das toxinas e residuos organicos toxicos e regulador da composição sanguinea e tensão arterial, logo se vê o transtorno para a vida, ocasionado pelas lesões de tais organs, com as quais se constitue o quadro anatomopatologico do alcoolismo. O coração, cuja importancia capitalissima até os leigos não desconhecem, é ainda um outro organ que não escapa aos damnosos efeitos do alcool, que lhe provoca a sobrecarga gordurosa das fibras. Tanto pela sua ação irritante directa como por essa degradação do metabolismo nutritivo que acarreta, o alcool determina pois degenerações gordurosas e atrofias, que comprometem, sob todos os pontos

de vista, a existencia dos individuos que o ingerem.

Comparam-se-lhe as desordens nutritivas, que provoca nas células e tecidos do organismo, ás lesões características da velhice. O alcool, portanto, não só faz envilecer promovendo a degradação moral; faz também envelhecer promovendo regressões anatomo-fisiológicas, semelhantes ás da senilidade. Num livro verdadeiramente consolador, acaba Voronoff de estudar sob um ponto de vista novo o magno problema da longevidade, condensando o processo da velhice nesta formula: a predominancia do tecido conjuntivo, de caracter como se sabe embrionario e funções não definidas e por isso mesmo de vitalidade maior, sobre os outros tecidos, de evolução completa e funções especializadas. Ora, o alcool favorece justamente essa proliferação conjuntiva e essas degenerações e atrofias correlativas dos tecidos aperfeiçoados. Faz regredir as células nervosas, as células musculares, e as células das proprias glandulas de secreção interna, que regulam com os seus productos derramados no sangue o funcionamento harmonico de todos os órgãos. A ação euforica, que elle produz pela energia que liberta no organismo, tem pois, para contraindical-a, todo esse conjunto correspondente de prejuizos de ordem fisiologica e de ordem social. O alcool envilece, envelhece e mata. Para lhe condemnar o emprego como factor energetico, teve o illustre higienista Dr. Hericourt uma imagem feliz: *On pourrait, à la rigueur, faire marcher une turbine, en employant de l'acide sulfurique au lieu d'eau; mais le résultat ne serait pas encourageant, car la turbine serait vite détruite...* E' o que se dá com o alcool quando se lhe procura aproveitar a ação *cordial* contraprodcente: o efeito consequido de modo algum compensa as alterações simultaneamente produzidas nas turbinas do organismo.

Por todos os meios deve-se pois combater o uso do alcool como bebida, seja qual fôr a forma e mesmo a quantidade sob que se empregue. E' tão perigoso este veneno que a Sciencia já lhe deveu a perda de dois eminentes cultores, que certamente nunca o beberam mas ainda assim foram victimas da sua nocividade. Refiro-me a Duclaux e Laborde. Aquelle era o sabio director do Instituto Pasteur quando a Corporação dos Distilladores em França, temendo a campanha crescente das

Ligas Anti-Alcoolicas, resolveu tentar a defesa dos seus interesses comerciais ameaçados. Como o Instituto era um grande consumidor de alcool, producto, como se sabe, indispensavel nos laboratorios, recorreu a Corporação dos Distiladores á opinião autorizada de Duclaux, perguntando-lhe capciosamente se o alcool podia ou não ser considerado um alimento. Obtida a resposta afirmativa do sabio, consoante ás experiencias que já referi de Atwater, começou a Corporação a exploral-a, afixando-a sem mais explicações por todos os muros e paredes dos logares publicos. Laborde, fisiologista illustre, precipita-se contra Duclaux, mas logo a Corporação dos Distiladores o envolve nas malhas de um processo criminal terrivel, a cujos embates não pôde o notavel scientista resistir, sucumbindo no meio da lucta. Atwater, sabedor em Philadelphia do documento que fornecera Duclaux, corre a Paris para defender o seu nome envolvido no caso e discutir ao sabio director de Instituto Pasteur os fundamentos da sua opinião. O espirito de Duclaux, que sempre pairára nas elevadas regiões da Sciencia, não tinha a resistencia ás dores com que só mesmo a lucta pode temperar o character do individuo: o reconhecimento do logro a que o levava a sua bôa fé respondendo simplesmente ao que machiavelicamente lhe perguntára a perfida Corporação, as acusações de Atwater e ainda as de Laborde, tudo isso lhe custou um mundo de amarguras a cujo peso teve tambem que succumbir. E foi assim que o alcool ceifou duas vidas preciosas, mesmo sem ser ingerido pelas victimas ! O alcool é, sem duvida, um factor de despoamento. Além de todas as degradações com que faz envelhecer os individuos e lhes diminue as resistencias organicas, apressando-lhes de qualquer modo o termo da existencia, a intoxicação etilica ainda contribue com um largo coeficiente de mortalidade infantil na progenie dos viciados. Cita Hericourt á respeito as observações de Jacquet sobre a descendencia de 396 intemperantes, que foram repartidos em tres grupos conforme o consumo que faziam do alcool: 141, bebedores moderados, deram 83 obitos infantis; 108, bebedores mais exagerados, deram 115 obitos infantis; 147, bebedores de todo desregrados, deram 244 obitos infantis. Se o alcoolismo victimasse apenas os individuos que a elle

se deixam arrastar por uma fraqueza da vontade, as suas consequências funestas immediatas, despertando embora piedade, poderiam desculpar-se como um meio deshumano mas eficiente de seleção especifica; mas as taras nervosas e mentais hereditarias que lhe correspondem, tornam-lhe gravissimas as mediatas consequências morais e sociais. Já na minha tese de doutoramento, muito antes da generalisação que a medida salutar tem tomado na America do Norte, reclamei, nas "Proposições", em vista dos perigos do heredo-alcoolismo, a esterilisação de todos os ebrios habituais. A epilepsia, a histeria, os estados depressivos e melancolicos com tendencias ao suicidio, a folia moral com todos os desvios de conducta como a mentira, a insubordinação as impulsões aggressivas, as rixas, o roubo, a vagabundagem, as perversões sexuais e vicios de toda especie: eis o tesouro de miserias morais com que o alcoolata, além da carga das miserias fisiologicas, desampara a sua descendencia. A estatistica de Ladrague, citada por Edmond Perrier, dá para 476 descendentes de 68 homens e 47 mulheres alcoolicos: 23 nati-mortos, 107 mortos por convulsões infantis, 96 epilepticos, 16 histericos, 41 idiôtas e apenas 79 normalmente desenvolvidos.

O alcoolismo dos pais póde ainda provocar nos descendentes taras propriamente fisicas como as malformações. Vê-se pois que o heredo-alcoolismo, sob o ponto de vista da defesa social, nos importa muita mais do que a intoxicação aguda ou embriaguez pelo alcool que, a não ser a possibilidade de tornar-se cronica arruinando a saúde e a fortuna do intemperante e carregando-lhe a próle com aquella transmissão morbida perigosa, apenas concorre nos annais do crime com delictos facilmente evitaveis. A lei federal, entretanto, parece que não se preocupou sinão com esta fase aguda inicial do alcoolismo. Prendeuse-lhe a atenção antes com o escandalo publico das *carraspanas* do que com as consequências do habito a que estas podem conduzir. Ora, sob que formas se oferece o alcool para constituir essa das maiores e mais funestas *molestias sociais*, que o é tal o alcoolismo, e de quantas maneiras pode o homem tornar-se victima de tal vicio ?

Temos aqui, de uso mais commum entre as camadas

sociais inferiores, a cachaça, resultante da destilação do mel de canna, e a tiquira, resultante da destilação do beijú de mandioca; de uso nas camadas superiores, embora haja *manifestação de nacionalismo* também no vício fazendo ainda neste caso preferir aquelles productos que são genuinamente nossos, encontram-se o celeberrimo whisky, as cervejas, os vinhos, os licores, os biters, os anisetes, etc. A esta enumeração corresponde mais ou menos o augmento gradativo de nocividade de tais bebidas. O alcool puro da cachaça é com efeito menos prejudicial do que o alcool do vinho ou da cerveja, onde ha para lhe ajudarem a ação toxica nos processos atroficos da cirrose alcoolica de Laennec, por exemplo, os saes de potassio introduzidos com o fim de conservação. Resulta na verdade dos estudos do Professor Lancereaux e Sanglé-Ferrière que só os vinhos e cervejas *sulfatados* ou *sulfitados* para se poderem exportar, explicam a distribuição geografica daquella cirrose atrofica.

Nos licores então e nos biters, anisetes, em toda essa enfiada satanica, enfim, dos tais *aperitivos*, sublimase o perigo das libações. E' que os aldehydes, as acetonas, os eteres, as essencias, com que se aromatizam e se tornam tão *sedutoras* aquellhas bebidas espirituosas, são substancias ainda mais toxicas do que o alcool etilico e lhe servem para exaltar a nocividade da ação.

Não devo esquecer de frizar também os desastrosos efeitos do whisky, este incendio voraz que nos consome aqui em larga escala a validez da geração presente e de tristezas e desgraças nos entretece o futuro. Se o whisky não tem os saes de potassio dos vinhos e cervejas nem as essencias dos aperitivos, encerra todavia, como *distillato* que é de grãos, o alcool metilico, muitissimo mais venenoso do que o alcool etilico, sendo na verdade 0,71 o seu coeficiente de toxidez ao passo que o deste é 11,7. Querem estes coeficientes dizer que a mesma quantidade de substancia viva envenenada por 0,71 de alcool metilico exige para o mesmo resultado 11,7 de alcool etilico.

Conclue-se de tudo isto que o alcoolismo bulhento das ruas, o alcoolismo plebeu provocado pela cachaça, é muito menos perigoso do que o alcoolismo *chic* dos cafés, restaurantes e casas de diversões, provocado pelo

whisky, vinhos, cervejas e aperitivos. O povo pobre que *salga o gallo* ou apenas *mata o bicho* com a sua *canninha* ingére de facto veneno de ação menos eficiente do que o povo nobre que *se emborracha* ou apenas *abre o apetite* com os sedutores e custosos *succedaneos* da cachaça. E como a Lei entre nós é ainda conduzida por uma Justiça vendada ou vendida que pouco acerta ás vezes com os solares dos poderosos para fazer entrar a sua companheira de perigração pelas paginas dos Decretos e Codigos, penso que só um meio de combate eficaz ao alcoolismo haverá para nos salvar a sociedade: é o apelo á poderosa influencia social da mulher. Só as mães, as esposas, as filhas e as irmãs, conseguirão regenerar, melhor que todas as leis, os nossos numerosos intemperantes, concitando-lhes o brio que os desvie do tenebroso precipicio a que os leva a fraqueza da propria vontade. Não posso crer, por exemplo, que algum pai exista capaz, por mais inveterado que seja no vicio, por mais duro que seja de coração, de se não deixar vencer por um desses pedidos-ordens, por uma dessas supplicas-imposições, com que uma filha, labios em doçura embóra olhos em lagrimas, manifesta o sublime desejo de o converter ! Cede, e pela força invencivel e nobilitante do affecto ! E assim vós, tambem, mães, irmãs e esposas maranhenses, defendei a felicidade dos vossos lares, promovendo, unidas e harmonicas, a mais renhida guerra a esses habitos degradantes dos vossos filhos, irmãos e esposos, que buscam a inspiração e o praser, que só os vossos carinhos lhes devem proporcionar, na ação enganadora do alcool, que lhes arruina a elles a saúde e a vida e a vós a alegria e a fortuna.

ACHILLES LISBOA.